

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

JULIANA ANDOZIO

**SEXISMO E O MACHISMO NA MÚSICA: UMA POSSÍVEL INFLUÊNCIA NA
FORMAÇÃO E EROTIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

**FLORIANÓPOLIS
2016**

JULIANA ANDOZIO

**SEXISMO E O MACHISMO NA MÚSICA: UMA POSSÍVEL INFLUÊNCIA NA
FORMAÇÃO E EROTIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de
Especialização EaD Gênero e Diversidade na
Escola. Disciplina: Metodologia de Pesquisa..

Orientadora: Rochelle Cristina dos Santos

FLORIANÓPOLIS
2016

Andozio, Juliana

SEXISMO E O MACHISMO NA MÚSICA: : UMA POSSÍVEL
INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO E EROTIZAÇÃO DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES / Juliana Andozio ; orientadora,
Rochelle Cristina dos Santos - Florianópolis, SC, 2017.
46 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola - GDE.

Inclui referências

1.Ciências Humanas. 3. Gênero e Diversidade na Escola -
GDE. I. dos Santos, Rochelle Cristina . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola
GDE. III. Título.

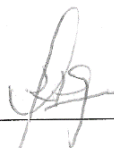
JULIANA ANDOZIO

**SEXISMO E O MACHISMO NA MÚSICA: UMA POSSÍVEL INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO E
EROTIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Como requisito para obtenção do título de
Especialista em Gênero e Diversidade na
Escola (GDE).

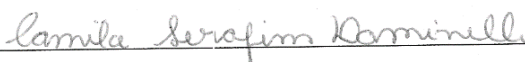
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

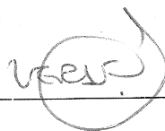
Banca Examinadora:



Camila Serafim Daminelli



Camila Durães Zerbinatti



Vera Fátima Gasparetto

E tome tento/Fique esperto/Hoje não tem papo/Jogolhe um quebrante/Num instante/Você vira sapo/Bobeou na crença/Príncipe volta/Ao seu posto/De lenda...(Céu)

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho aos incansáveis lutadores e lutadoras que combatem o machismo e o sexismo em nossa sociedade. Acredito que docentes, em suas diversas práticas de conscientização, são capazes de promover a igualdade de gênero. Sabemos que é um trabalho árduo, no entanto possível de realização.

Assim, agradeço minha mãe (Zezé), meu pai (Cuca), minha irmã Renata, minha filha Júlia Cauãne que são exemplos de luta e inspiração e, que me dão forças para continuar na batalha contra as exclusões sociais.

Ao Ivan Vicente e a Érica Gonçalves amigo e amiga de longa data que foram essenciais para eu estar cursando essa especialização. São meus amores eternos.

Em especial agradeço meu companheiro, amigo e esposo Luiz Miller (Preto/Xixo) que esteve comigo em todos os momentos para a efetivação desse trabalho, dando força e amor, e não deixando, em nenhum momento, que eu desistisse dos meus sonhos.

As professoras maravilhosas Miriam Grossi, Olga Regina Garcia, Tânia Welter e Gisele Mozzi, promotoras da igualdade de gênero e guerreiras nas políticas públicas para a concretização do Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na escola.

Ao corpo docente da Escola de Educação São Tarcísio, pois sem esses(as) profissionais o projeto não seria possível de se concretizar. Em ação direta com o trabalho destaco o professor e diretor Marcelo Adami que apoiou o projeto desde o começo. Ao professor e assessor Elio Mohr que, além de apoiar o projeto, contribuiu com livros e materiais sobre sexualidade e gênero que foram essenciais para o trabalho. As professoras Adriana Céspedes, Josiéli Heinzen Buchner, Eliana Isabel Hawerth Muller, e aos professores Luan Xavier e Arnaldo Ricardo Ern, que dedicaram seu tempo e espaço das aulas, com atividades para promover a igualdade de gênero, ajudando a despertar em crianças e adolescentes, o pensamento crítico sobre os conteúdos de letras musicais.

Gostaria de agradecer também, todos e todas da escola que participaram do trabalho com seus sorrisos e abraços cotidianos e que confortaram meu coração. São eles(as): Agda Cordeiro, Ana Carolina Weber, Bruce Colombi, Davi Schmitz, Dayane Scharf Backes, Eline Krauss, Fabiana Moenster Moreira, Gisele do Nascimento, Eline Krauss, Fabiana Moenster Moreira, Gisele do Nascimento, Karin Phillippi, Larissa Fortunato, Marcia D. Schneider, Rafaela Koerich da Rosa, Raissa Anaisse de Araujo, Sandra Petry, Sandra Regina C. Backes, Sergio Pimentel, Tatiana Buss, Verena M. Buss, Vitor A. de Oliveira, Lourival Osmar Vanroo (seu mano), Alzira Petry Hawerth, Jisele M. Teixeira e a querida Daniela Brunner.

Registro aqui um agradecimento pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Em memória ao professor Tito Sena um grande educador e amigo que está indiretamente neste trabalho.

E a orientadora Rochelle Cristina dos Santos que apoiou totalmente minha pesquisa, contribuindo para novos caminhos e conhecimentos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso faz uma análise sobre a possível influência da música no aspecto cognitivo e comportamental de crianças e adolescentes na sociedade. O objeto de investigação são letras de músicas de diferentes gêneros - identificadas como sexistas a partir de uma fundamentação teórica em gênero, feminismo e relações de poder. Trata-se de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo com um grupo composto por estudantes do ensino fundamental (anos finais) e do ensino médio da Escola de Educação Básica São Tarcísio, localizado no município de São Bonifácio, no estado de Santa Catarina. Os instrumentos de coleta de dados são questionários e redações distribuídas para o grupo. O estudo parte de uma seleção feita pelos(as) próprios jovens do grupo focal das músicas mais ouvidas em diferentes gêneros musicais. Tendo em vista a realidade e a construção histórico-social da cidade, os resultados observados sinalizam grande parte das letras que compõem um cenário machista e sexista, que influenciam nas formas de pensar e agir destes adolescentes nos envolvimento e relacionamentos afetivos. Diante de um quadro depreciativo da figura feminina a intervenção pedagógica por meio de instrumentalização destes jovens com conceitos de sexualidade, diversidade, feminismo, erotismo e gênero, resulta especialmente na desconstrução dos comportamentos equivocados e sexistas e conseqüentemente na conscientização dos elementos sexistas e erotizados presentes nas letras destas músicas.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Erotização. Música Sexista.

SUMMARY

This final thesis makes an analysis about the possible influence of music on the cognitive and behavioral aspect of children and adolescents in the society. The research object is song lyrics of different genres-identified as sexist from a theoretical basis in gender, feminism and power relations. This is a qualitative field research with a group composed of elementary school students (final years) and high school students from the São Tarcísio School of Basic Education, located in the municipality of São Bonifácio, in the state of Santa Catarina. The instruments of data collection are questionnaires and essays distributed to the group. The study is based on a selection made by the young people of the focal group of the most heard songs in different musical genres. Considering the reality and the social-historical construction of the city, the observed results signal a large part of the letters that compose a sexist and sexist scenario that influence the way these adolescents think and act in affective involvements and relationships. In the face of a derogatory picture of the female figure, pedagogical intervention through the instrumentalisation of these young people with concepts of sexuality, diversity, feminism, eroticism and gender, results especially in the deconstruction of the mistaken and sexist behaviors and consequently in the awareness of the sexist and erotic elements present in Lyrics of these songs.

Keywords: Gender. Sexuality. Erotization. Sexist Music.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Respostas analisadas do questionário da figura 2, sobre a divisão de trabalho do contexto familiar dos alunos da E.E.B. São Tarcísio.	19
Gráfico 2 - Respostas analisadas do questionário da figura , sobre a divisão de trabalho do contexto familiar das alunas da E.E.B. São Tarcísio.	19
Gráfico 3 - Gêneros musicais analisadas a partir das músicas escolhidas por alunos da E.E.B. São Tarcísio.....	24
Gráfico 4 - Gêneros musicais analisadas a partir das músicas escolhidas por alunas da E.E.B. São Tarcísio.....	25

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – resposta de um questionário elaborados por estudantes do programa “Mais Educação” aplicados nas turmas 6 ^o aos 9 ^o anos.....	15
Figura 2 - resposta de um dos questionários coletados. Elaborado pela autora, aplicado no pré-projeto.....	16
Figura 3 - Proposta do tema para análise das redações.....	32
Figura 4 - Redação 1	32
Figura 5 - Redação 2	33
Figura 6 - Redação 3	33
Figura 7 - Redação 4	34
Figura 8 - Redação 5	34
Figura 9 - Redação 6	35
Figura 10 - Redação 7	35
Figura 11 - Redação 1	36
Figura 12 - Redação 1	37
Figura 13 - Redação 2	37
Figura 14 - cartaz 1.....	38
Figura 15 - cartaz 2.....	38
Figura 16 - cartaz 3.....	39
Figura 17 - cartaz 4.....	39
Figura 18 - cartaz 5.....	39
Figura 20 - cartaz 7.....	40
Figura 19 - cartaz 6.....	40
Figura 21 - cartaz 8.....	40
Figura 22 - cartaz 9.....	41
Figura 23 - cartaz 10.....	41
Figura 24 - cartaz 11.....	41
Figura 25 - cartaz 12.....	42
Figura 26 - Teste elaborado por alunos e alunas do oitavo ano-matutino, para aplicado na Feira de Ciências da E.E.B. São Tarcísio.	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Contextualização do local de tema da pesquisa	11
1.2 O papel da mulher são-bonifacense	13
2. ANÁLISE DO CAMPO DE PESQUISA	13
2.1 A percepção dos(as) estudantes sobre o machismo, a misoginia e o sexismo	14
2.2 Os Papéis de Gênero no Contexto do Objeto de Pesquisa	16
3. O SEXISMO E O MACHISMO NA MÚSICA E SUA INFLUÊNCIA NA EROTIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	21
3.1 Análise dos gêneros musicais, músicas e suas letras	24
3.2 Análise de redações a partir do conhecimento prévio	31
3.2.1 - Proposição de redações sobre letras musicais	31
3.2.2 Análise das redações sobre igualdade e desigualdade de gênero	36
3.3 Outros resultados pós-projeto de conscientização	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Docentes, escola e a comunidade tem o dever de construir uma gestão democrática e promotora da igualdade de gênero, pois sabemos que durante séculos as mulheres, negros(as), indígenas e homossexuais que, foram excluídos(as) e ainda são, da vida social por diversas práticas discriminatórias. Essas práticas foram enraizadas na sociedade de diversas formas, sendo uma delas na repetição de discursos que passam de geração em geração. Assim devemos correr contra o tempo provendo o acesso à diversidade e o respeito na sociedade à todas as pessoas.

Na cultura, principalmente na música, essa reprodução de discursos aparece em diversos gêneros. Foi a partir dessa percepção, que surgiu a vontade de pesquisar sobre a influência da música sexista na formação de crianças e adolescentes, utilizando como campo de pesquisa a Escola de Educação Básica São Tarcísio, localizada na cidade de São Bonifácio – SC.

Essa percepção sobre gêneros musicais que influenciam crianças e adolescentes, se deu a partir do momento em que, como professora orientadora do programa “Mais Educação”, propus a criação de uma rádio escolar feita pelos(as) alunos(as). A rádio teve uma boa aceitação e, a partir daí, com a contribuição do conteúdo musical para a rádio, já que todos os(as) alunos(as) poderiam colaborar nas escolhas, notei uma grande quantidade de músicas com letras sexistas e machistas, as quais retratavam a mulher como objeto sexual, dando ênfase a misoginia. Isso se dava nos diversos gêneros musicais escolhidos por todos e todas.

Paralelamente ao projeto da rádio escolar, e já como ponto de partida para minha pesquisa, foi desenvolvido um seminário para os(as) alunos(as) da escola. A abordagem principal do seminário, foi em cima dos temas: diversidade, gênero, raça, etnia e sexualidade. Durante as apresentações busquei exemplificar cada conceito, demonstrando como a sociedade, de um modo geral, reproduz o machismo, a misoginia, a cultura do estupro, a homofobia, o sexismo e todo tipo de preconceito enraizado em nossa sociedade, muitas vezes de modo imperceptível. A totalidade de crianças e adolescentes participantes da pesquisa foram de 216 alunos e alunas, os quais estão matriculados do 6º ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio.

No subcapítulo 2.1 “A percepção dos(as) estudantes sobre o machismo, a misoginia e o sexismo” analisei, através de questionamentos e debates, como se dá o entendimento a respeito das letras sexistas. Nesse subcapítulo busquei compreender de que maneira as mídias

e suas influências culturais através da música, está relacionada a moda ou tendências e, a partir desta análise, entender o quanto os veículos de comunicação pautam o que ouvimos ou se é a sociedade que influencia nas produções musicais. Por isso a importância de abranger a pesquisa, para que o conceito seja exemplificado de forma coesa ao longo do trabalho.

As músicas produzem sentidos e significados que expressam relações de poder construídos historicamente que, por meio da linguagem, são reproduzidas na maioria das vezes sem questionamentos e perpetuadas como algo natural, como destaca Louro (1997);

A linguagem é uma forma perspicaz, persistente e eficaz na produção distinções e das desigualdades: ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, porque ela nos parece, quase sempre muito natural. Sem questionar muitas vezes seguimos regras definidas por livros, pessoas, programas de tv, músicas, poesias, dicionários, e a partir daí fazemos delas expressões consagradas. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (LOURO, 1997, p.65.)

Dessa forma, pesquisar sobre como as músicas com letras sexistas, nos faz entender a intencionalidade dos padrões heteronormativos e machistas enraizados em nossa sociedade. Essa preocupação, que teve como consequência a pesquisa para o trabalho, surgiu quando algumas crianças pediam para tocar na rádio escolar a música “Baile de Favela”, do cantor MC João em que na letra narrada diz:

Ela veio quente, e hoje eu tô fervendo/Que ela veio quente, hoje eu tô fervendo/Quer desafiar? Num tô entendendo/Mexeu com o r7 vai voltar com a xota ardendo (vai)/Que o Helipa, é, baile de favela/Que a Marcone, é, baile de favela/Que a são Rafael, é, baile de favela/E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)/Eliza Maria, é, baile de favela/Invasão, é, baile de favela/E as casinha, é, baile de favela/E os menor preparado pra foder com a xeca dela (vai)/Que o Hebron, é, baile de favela/A Bailão, é, baile de favela/E na rua 7? Baile de favela!/E os menor preparado pra foder com a xeca dela (vai)

O conteúdo da letra é cantado com normalidade por crianças e adolescentes da cidade de São Bonifácio - SC, as quais se encontram longe dessa realidade urbana narrada pelo MC, já que estamos localizados num município predominantemente rural. A explanação sobre o município onde se deu a pesquisa está presente no subcapítulo 1.1 “Contextualização do local de tema da pesquisa”.

Além disso, ao analisar a letra, me deparei com narrativas misóginas e sexistas como “foder com a xota (vagina) dela” e “vai voltar com a xota ardendo”. Outra preocupação, é quanto o fato da música normalizar a relação sexual entre menores de idade no trecho que diz “E os menor preparado pra foder com a xota dela”. O termo “menor” é claramente uma

referência a uma grávida empregada nas periferias paulistas em alusão aos menores de idade. Essa análise é aprofundada no subcapítulo 3.1 “Análise dos gêneros musicais, músicas e suas letras”.

É preciso entender como se deu historicamente, nas práticas sociais, a ideia de que as mulheres são objetos sexuais e de que como isso se produz e reproduz esse sentimento de dominação e violência de gênero. Além disso, o homem retratado como "pegador" e "comedor" contribui para essa análise, da mesma forma que as canções estimulam as mulheres a serem subjugadas, podendo pressionar os homens a diversos comportamentos machistas e sexistas.

Diversas pesquisas destacam que, historicamente, sempre existiram músicas sexistas, no entanto, a partir do anos 90, essa prática se intensifica conforme apresentado no capítulo 3 “Sexismo e o machismo na música: uma possível influência na formação de crianças e adolescentes”, no qual será feita a análise com referencial teórico sobre o tema.

Além das análises o trabalho teve a intenção de conscientização na escola, juntamente com todo corpo docente, das quais as atividades aparecem nos subcapítulos 3.2 “Análise de redações a partir do conhecimento prévio”, 3.2.1 “Proposição de redações sobre letras sexistas”, 3.2.2 “Análise das redações sobre igualdade e desigualdade de gênero no ensino médio” e 3.3 “Outros resultados pós-seminário de conscientização”.

Sendo assim, o Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) proporcionou todas as ferramentas para a práxis da pesquisa.

1.1 Contextualização do local de tema da pesquisa

Tendo como base as informações contidas no PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição Escola de Educação Básica São Tarcísio, no município de São Bonifácio – SC, e também com base nos levantamentos feitos pelo IBGE é necessário, para a concepção do projeto, já que ele se baseia como fonte de pesquisa as crianças e adolescentes do município, entender a dinâmica socioeconômica e a história de formação da cidade.

A localidade onde se encontra hoje o município de São Bonifácio, era habitado inicialmente por índios da etnia Xoklengs, até a chegada dos primeiros imigrantes originários da Alemanha e que se estabeleceram no Alto Capivari, numa onda migratória que se deu a partir de 1862. Essa colonização de origem germânica se reflete até os dias de hoje, sendo que a quase a totalidade das famílias do município são de descendentes de colonos alemães.

São Bonifácio se localiza na Serra do Tabuleiro e está cerca de 90 km de distância de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Aproximadamente 55% do município é de Mata Atlântica, sendo que ele se encontra numa Área de Preservação Permanente. Como parte da economia da cidade é voltada para a extração de madeira, essa área sofre uma constante pressão de desmatamento.

Segundo o documento do PPP (2016, p.9) da instituição, a economia da cidade baseia-se na agricultura, pecuária de leite e corte, apicultura, avicultura, beneficiamento de madeira, indústrias de laticínios e turismo ecológico, já que o município possui o título de Capital Catarinense das Cachoeiras (Lei Estadual nº 13.096 de 18/08/2004). Atualmente, a população está estimada em 2.966 habitantes (fonte:IBGE/2014), sendo 2571 eleitores. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é de 0,731 e o PIB (Produto Interno Bruto) R\$ 35.262.161,00. Além da região central, predominantemente urbana, há outras localidades rurais como os subdistritos de Santo Antônio, Santa Maria, Rio do Poncho, Rio Sete e Alto Capivari.

A educação no município sempre aconteceu mesmo na época dos(as) indígenas etnia Xoklengs, mas como consta no documento do PPP da escola, a partir do começo da onda migratória dos alemães entre 1862/64 existia a necessidade de comunicação com o povo local, e foi criada uma sala de aula na capela da cidade. Os professores que iniciaram o processo de alfabetização foram Bernhard Rech, Heinrich Höper e Heinrich Moll. O trabalho desses pioneiros foi realizado até aproximadamente 1875. Ainda sobre a instituição vale ressaltar sua história que passou por diversos nomes e mudanças durante os séculos XIX, XX e XXI, até chegar na atual E.E.B. São Tarcísio.

Em 1895, a comunidade fundou o primeiro prédio escolar, funcionando até o ano de 1918. Nela lecionaram diversos professores. A partir daquele ano, São Bonifácio teve sua escola oficializada, sendo como seu primeiro professor Francisco Serafim Guilherme Schaden.

Os trabalhos das Escolas Reunidas foram assumidas pelas Irmãs Franciscanas de São José, a partir de 1954 e permaneceram até meados de 1959. Em 25 de maio de 1965, passa de Grupo Escolar para Ginásio Normal São Tarcísio e em 11 de setembro de 1966 é inaugurado pelo então governador do Estado Ivo Silveira. A partir de 01 de janeiro de 1971, passa de Ginásio Normal, para Escola Básica São Tarcísio. Em 17 de fevereiro de 1981 para sê-la Colégio e pouco depois ganhou o nome de Colégio Estadual Vereador Ruy Evaldo Schaffler com habilitação básica em comércio. Mais tarde pelo Parecer 100/85 a habilitação do Colégio para sê-la magistério. Pelo Decreto 1130/87 o Colégio passou a denominar-se novamente Colégio Estadual São Tarcísio, cujo órgão mantenedor é o Estado de Santa Catarina. A partir do ano de 2000 com a nova LDB a escola passou a denominar-se EEB São Tarcísio. (PORTARIA E/ 017 SED, DE 28/03/2000 – DOE 16.387, de05/Abr/2000). (PPP, 2016, p.10).

Cabe aqui destacar que, o professor citado Francisco Serafim Guilherme Schaden é pai do antropólogo Egon Schaden nascido em São Bonifácio-SC, considerado o único

antropólogo brasileiro de renome nacional com origem rural. Foi Egon Schaden quem fundou em 1953 a Revista de Antropologia e também conhecido mundialmente por seus estudos dedicados a questão indígena no Brasil.

1.2 O papel da mulher sãobonifacense

A análise de dados do IBGE demonstra que a participação da mulher no município ainda é restrita ao papel de “dona de casa”. O censo de 2010 demonstra claramente isso. A proporção de homens e mulheres economicamente ativos a partir dos 16 anos de idade é praticamente idêntica, sendo que são 890 mulheres e 1099 homens em atividade de trabalho remunerado. Mas, a razão de rendimento entre o rendimento médio da mulher em relação ao rendimento médio do homem é de 63%, colocando as mulheres de São Bonifácio no papel de submissão econômica. Isso se reflete em outro dado do mesmo censo do IBGE. Do total de 863 famílias, em apenas 18,7% a mulher é responsável economicamente pelo lar.

Outro dado importante, é sobre o número de jovens que engravidam precocemente. A proporção de mulheres de 15 a 19 anos de idade com filhos é de 16,1%, sendo essa faixa etária ainda em fase escolar.

Analisar esses dados sobre o papel da mulher no município em que se dá a pesquisa que fundamenta o trabalho, é importante para entender o contexto da relação patriarcal que influencia jovens e adolescentes nessa microárea e que, de certa forma, é o reflexo cultural de várias partes do país.

2. ANÁLISE DO CAMPO DE PESQUISA

Após situar a dinâmica histórica, social e econômica do município e, também, entender aonde se encaixa o papel da mulher na comunidade de São Bonifácio - SC, foi preciso aprofundar a pesquisa ao objeto de estudo em questão - o comportamento de crianças e adolescentes da comunidade escolar em relação a cultura musical sexista.

Portanto, para isso, foi ministrada uma palestra sobre gênero, diversidade, sexualidade, as questões étnico-raciais, leis e direitos das mulheres, violência de gênero, preconceitos e discriminações. Esse trabalho envolveu 216 alunos e alunas do 6º ao 9º ano, ensino médio regular e ensino médio inovador (EMI).

Nesse sentido, a palestra contribuiu para entender os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) em relação aos temas. Para aprofundar a análise do entendimento dos(as)

estudantes em relação aos temas e desenvolver a pesquisa do trabalho, se fez necessário, anterior e após a palestra, a entrega de um questionário e também foram desenvolvidas outras atividades como redações, debates e cartazes. A partir daí, foram identificados alguns discursos naturalizados no senso do comum, identificados como preconceituosos e machistas, contribuindo para análise do ponto central da pesquisa.

2.1 A percepção dos(as) estudantes sobre o machismo, a misoginia e o sexismo

Os conceitos sexismo¹, machismo² e misoginia³ foram debatidos ao longo da palestra e desse modo possibilitou entender o conhecimento dos (as) estudantes em relação aos temas. Antes de explanar o conceito de misoginia foi perguntado se alguém tinha conhecimento sobre o assunto, no entanto as respostas foram negativas em todas as turmas.

Sobre o que é o sexismo, uma aluna do 9º ano vespertino e um aluno do 9º ano matutino já havia escutado sobre pessoas sexistas e relacionou o termo com a questão do machismo nas relações sociais, questionando se o sexismo era a mesma coisa que o machismo. Contudo, em todas as turmas, quando falamos em sexismo, machismo e misoginia, os alunos perguntaram se para os homens não existiria também conceito ou preconceito, e foi explanado aos alunos(as) que, nesses casos, chamamos de androfobia⁴ o preconceito praticado contra o homem.

Após o entendimento desses conceitos, os alunos e alunas conseguiram identificar atitudes correspondentes ao tema debatido, tanto que ao serem questionados sobre a prática do machismo, 80% responderam que não, nunca praticaram, mas, quanto à questão sobre o conhecimento de práticas machistas na escola ou na comunidade praticados por outros, 37% disseram já terem presenciado tal comportamento. Alguns estudantes exemplificam suas respostas, como o aluno do 6º ano que disse “na comunidade as pessoas acham que a mulher tem que viver na cozinha, e também existem muitos preconceitos com homossexuais”. Uma

¹ **Sexismo** Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um, subordinando o feminino ao masculino. (BRASIL, 2009, p.155)

² **Machismo** ou chauvinismo masculino é o conceito que baseia-se na supervalorização das características físicas e culturais associadas com o sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao sexo feminino, pela crença de que homens são superiores às mulheres. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Machismo>)

³ **Misoginia** (do grego μισέω, transl. miseó, "ódio"; e γυνή, gyné, "mulher") é o ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres ou meninas. A misoginia pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a exclusão social, a discriminação sexual, hostilidade, androcêntrismo, o patriarcado, ideias de privilégio masculino, a depreciação das mulheres, violência contra as mulheres e objetificação sexual. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Misoginia>)

⁴ **Androfobia** popularmente para significar todos os tipos de preconceito, medo, discriminação, ódio e generalização aos homens. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Androfobia>)

aluna do 8º ano argumentou em sua resposta que “na escola existe machismo, principalmente na aula de educação física”.

A escola é um dos poucos lugares onde podemos conscientizar de forma coletiva, assim entender as práticas preconceituosas em relação a mulher, que foram construídas ao longo do tempo. As relações de poder entre mulheres e homens em cada sociedade é decorrência da cultura e não poderia ser diferente no ambiente escolar. As questões aqui levantadas são base para a desconstrução desse pensamento cultural, que produz a hierarquia de gênero que, futuramente, contribuem e podem gerar violências de gênero.

Com isso, o papel da cultura em nossas relações sociais podem reforçar a perpetuação dos comportamentos machistas em nossa sociedade como, por exemplo, através dos veículos de comunicação. As propagandas, novelas, programas humorísticos e as músicas, são exemplos de um conjunto de informação que crianças e jovens consomem e reproduzem de forma sistemática o conteúdo absorvido por elas.

Isso pode ser observado quanto a questão aplicada sobre se os(as) estudantes têm conhecimento de algum programa de TV ou música sexista, e que citassem um exemplo. Das respostas analisadas, 77% tem conhecimento de algum programa e/ou músicas sexistas. Nos exemplos citados em maior índice, apareceram os programas “Pânico na Band”, “Faustão” e “Silvio Santos”. Quanto às músicas a maioria foi do gênero musical funk, com as músicas “Roça Roça 2”, “Eu Sou do Corre”, “Vou te Levar Pro Beco”, “Baile de Favela” e “Você Quer Andar de Meiotá”. Em duas respostas aparecem as propagandas de cervejas como propagandas sexistas.

9 - Você conhece algum programa de TV ou música sexista? Cite um exemplo:

Sim, música. ROÇA ROÇA 2 - VO TE LEVA PRO BECO

10. Os preconceitos foram construídos na história de ...

Figura 1 – resposta de um questionário elaborados por estudantes do programa “Mais Educação” aplicados nas turmas 6º aos 9º anos.

Esse conjunto de conceitos nos leva ao próximo debate, que são as lutas das mulheres no qual resultou o conceito de gênero⁵ nos anos 70, e políticas criadas para combater as violências de gênero em formas de leis. Assim, através dos conceitos e questionamentos,

⁵ Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)

compreender como se dá o machismo e o sexismo na música e sua influência na erotização na formação de crianças e adolescentes, que é o ponto central da pesquisa.

2.2 Os Papéis de Gênero no Contexto do Objeto de Pesquisa

Ainda dentro do entendimento que as crianças e adolescentes têm sobre o assunto, foi necessário abordar as questões de gênero. Esse foi um importante ponto de observação, para realização de uma análise minuciosa sobre o comportamento e percepções desses estudantes, em cima do tema central da pesquisa “Sexismo e o machismo na música: uma possível influência na formação e erotização de crianças e adolescentes”.

A discussão sobre o conceito gênero, e suas diversas formas de representação na sociedade, se faz também necessário entender as suas dimensões, como identidades de gênero⁶, expressões de gênero⁷ e os papéis de gênero⁸ que imbricam nas variações culturais, que para as crianças e adolescentes na fase de transformações dos corpos e da imagem e na formação intelectual, social e cognitiva se faz fundamental para o entendimento.

Antes de iniciar as palestras com as turmas, foi entregue para cada aluno(a) um questionário para ser respondido de forma anônima com as seguintes perguntas: “Qual sua música preferida?”, “Quem limpa sua casa?”, “Qual sua contribuição com os afazeres domésticos?” e “Preencha com um X qual seu sexo biológico”.

Qual sua música preferida?
Bum Bum gramada Alô souso
parodia de eu souguei (eu vii gay)

Quem limpa sua casa?
Eu e minha mãe

Qual sua contribuição com os afazeres domésticos?
lavo louça, faço dano, de tudo um pouco

Preencha com um X qual seu sexo biológico
 feminino () masculino

Figura 2 - resposta de um dos questionários coletados. Elaborado pela autora, aplicado no pré-projeto

⁶ **Identidade de gênero:** é como você, na sua cabeça, pensa sobre si mesmo/a, como se sente, como se enxerga.

⁷ **Expressão de gênero:** é como você demonstra seu gênero pela forma de agir, se vestir, interagir e se expressar.

⁸ **Papéis de gênero** referem-se a um conjunto de padrões e expectativas de comportamentos que são aprendidos em sociedade correspondentes aos diferentes gêneros e que conformam as identidades dos indivíduos pertencentes a esses grupos. São a manifestação social ou a representação social do que é ser macho ou fêmea, em diferentes culturas ou mesmo dentro de uma mesma cultura..(GROSSI,1994).

A opção “Preencher qual seu sexo biológico” foi no sentido de provocação, pois nas palestras iríamos discutir o que é ser homem ou mulher, e de como se deu todo processo de construção histórico cultural e como foi definido a concepção de sexo biológico para nós seres humanos.

Nesse sentido, Judith Butler (2003) questiona sexo/gênero/desejos “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos”.

Sobre a noção binária masculino/feminino Butler (2003, p.25) diz que,

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo da produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “ natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido com “pré discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

Dessa forma, a elaboração da questão foi para suscitar a discussão sobre o binarismo de masculino/feminino e as relações de poder juntamente com a cultura “previamente dada” ao longo dos séculos. Exemplificando, durante o debate sobre o tema um aluno disse “sou homem e muito macho” demonstrando de como a questão do binarismo do sexo biológico está inserido em nossa sociedade.

São identidades que criamos e passamos para outras pessoas através das nossas expressões de gênero, as quais são extremamente ligadas a indústria cultural⁹.

A construção da identidade juvenil também se faz por meio do aprendizado entre pares, nas diferentes formas de sociabilidade e lazer desfrutadas por jovens. Entre jogos, brincadeiras, galeras, músicas, ritmos e danças, festas (rodeios, quermesses), práticas esportivas, tecnologias, tecnologias de informação (celulares, internet, comunidades virtuais), idas a shopping centers, adesão a determinado tipo de lazer (pesca, artesanato, bordados), enfatizam-se imagens, perfis, destrezas típicas de cada gênero. (BRASIL, 2009, p. 53)

⁹ O termo foi empregado pela primeira vez em 1947, quando da publicação da Dialética do Iluminismo, de Horkheimer e Adorno. Este último, numa série de conferências radiofônicas, pronunciadas em 1962, explicou que a expressão “indústria cultural” visa a substituir “cultura de massa”, pois esta induz ao engodo que satisfaz os interesses dos detentores dos veículos de comunicação de massa. Os defensores da expressão “cultura de massa” querem dar a entender que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas. Para Adorno, que diverge frontalmente dessa interpretação, a indústria cultural, ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo. Interessada nos homens apenas enquanto consumidores ou empregados, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu conjunto, assim como cada um de seus elementos, às condições que representam seus interesses. (<http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/adorno-dialectica-positivismo.pdf>)

Assim, as expressões de gênero e a identidade de gênero, passam por nossas escolhas pessoais que são também influenciadas pela cultura na qual estamos inseridos(as).

Além disso, a cultura, de forma sutil, influencia nas posturas e nos modos de agir de mulheres e homens, dessa forma, alguns tipos de condutas e comportamentos são pré-estabelecidos, isto é, naturalizados.

(...) exige-se da moça: que se guarde o máximo possível, retardando a iniciação sexual; que seu leque de experimentação sexual seja reduzido, não segue próximo aos dos homens, para não serem chamadas de “galinhas”; que não seja “atirada”, embora a mídia ressalte a sensualidade dos corpos femininos; que tenha o casamento e a maternidade como horizonte próximo.

Por outro lado, do rapaz exige-se : que antecipe o máximo possível a primeira experimentação sexual; o prazer de reunir múltiplas experiências sexuais, às vezes simultâneas; um apetite sexual intenso como prova da sua virilidade, estimulada desde de pequeno por homens próximos a ele quando apontam o corpo de mulheres na TV ou nas ruas; certo desprezo pelo cultivo de sentimentos amorosos. (BRASIL, 2009, p. 52)

Tais modelos ainda hoje contribuem para a hierarquia de gênero, promovendo ao homem mais liberdade ao lazer, sendo que, até os horários definidos para meninos ficarem na rua são diferentes dos horários para as meninas. Isso demonstra o contraponto apresentado por uma aluna do oitavo ano, ao justificar que “minha mãe não deixa eu sair de casa depois das 20 horas. É perigoso, algum homem pode me raptar ou me fazer algum mal”.

Dessa forma, notamos que a cultura do estupro está significamente instaurada em nossos cotidianos, e gera medo por parte das mulheres saírem sozinhas a noite e ficar “dando mole” por aí.

Para contextualizar a hierarquia de gênero no município de São Bonifácio - SC, foi questionado aos 216 alunos(as) sobre a responsabilidade em cima dos afazeres domésticos da casa. Veja no gráfico 1 como se deram as 115 respostas dos alunos sexo masculino:

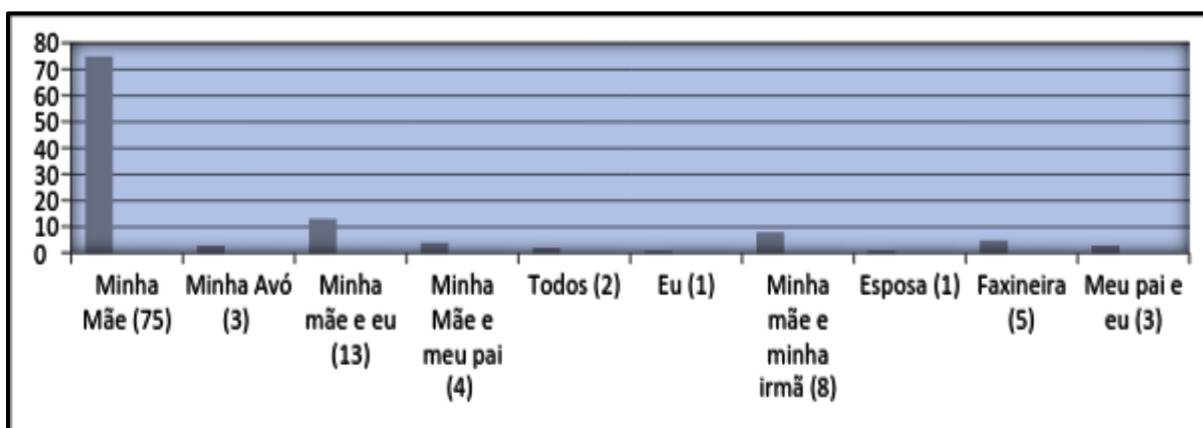


Gráfico 1 - Respostas analisadas do questionário da figura 2, sobre a divisão de trabalho do contexto familiar dos alunos da E.E.B. São Tarcísio.

No gráfico 2, as 101 respostas do sexo feminino:

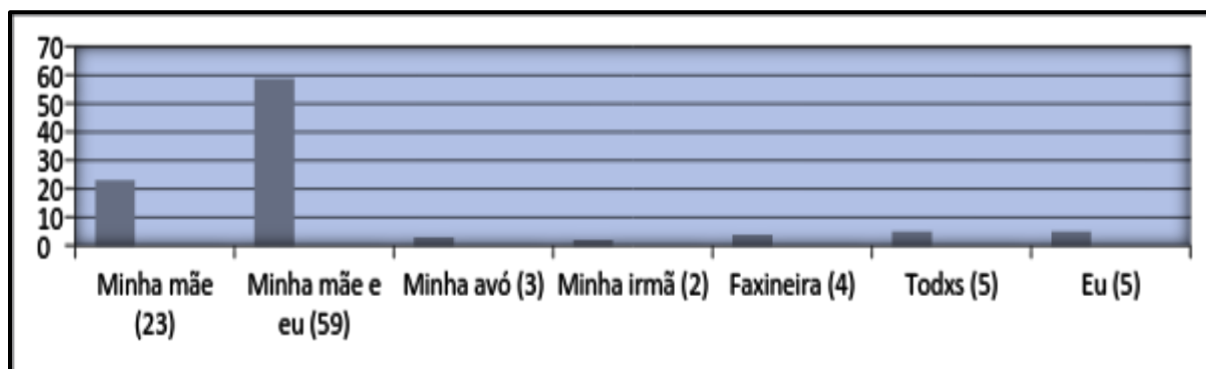


Gráfico 2 - Respostas analisadas do questionário da figura , sobre a divisão de trabalho do contexto familiar das alunas da E.E.B. São Tarcísio.

Podemos verificar nos gráficos a configuração dos afazeres domésticos de cada contexto familiar, em grande maioria são as mulheres da casa e, principalmente, são as mães quem realizam esse trabalho. Nota-se que nas respostas dos meninos, 65% responderam “minha mãe” como única pessoa que limpa a casa. No caso das meninas, 22% responderam que é somente a mãe quem limpa a casa, no entanto, quando analisamos a resposta “minha mãe e eu”, esse número aumenta consideravelmente para 58% das respostas. Esses números reforçam a tese da “dona de casa”, e também contribuem para o continuísmo geracional do imaginário de que a mulher é quem faz o serviços domésticos. Já que, ao observar essas respostas, é pequeno o número de meninos que ajudam em casa comparado ao número de meninas.

São inúmeros motivos que podemos citar para essas realidades socialmente construídas, como, por exemplo, a condição da mulher como reprodutora, de instinto maternal e de cuidado com os(as) filhos(as), os quais influenciam, segundo nossa cultura, diretamente na divisão do trabalho doméstico. Enquanto os homens nesse modelo de família é o provedor da casa e trabalha para sustentá-la, nesse sentido, não precisa se preocupar com os afazeres domésticos que ficam todos por conta das mulheres.

Sabendo dessa realidade, se faz necessária a discussão com as crianças e adolescentes, para que pensem de como essa configuração se mantém mesmo nos dias atuais, mesmo com todas as lutas sociais e políticas das mulheres por direitos iguais.

São pequenas coisas que, ao longo da formação das crianças, notamos essa distinção representação de gênero construídos diariamente como, por exemplo, nos brinquedos comprados para meninas e meninos do qual se deve sempre questionar.

Devemos prestar atenção no quanto a socialização de gênero é insidiosa. Oferecer aos meninos e aos rapazes apenas espadas, armas, roupas de luta, adereços de guerra, carros, jogos eletrônicos que incitem à violência é facultar como único caminho para a sua socialização a agressividade, o uso do corpo como instrumento de luta, a supervalorização do gosto pela velocidade e pela superação de limites. Ou ainda, de modo sutil, oferecer apenas aos meninos bola, bicicleta e skate, por exemplo, indica-lhes que o espaço público é deles, ao passo que dar às meninas somente miniaturas de utensílios domésticos (ferro de passar roupa, cozinha com panelinhas, bonecas, batedeira de bolo, máquina de lavar roupa, etc.) é determinar-lhes o espaço privado, o espaço doméstico.(BRASIL, 2009, p. 49)

Nos debates com estudantes sobre as mães e as mulheres da casa, muitas sem independência financeira e social, destacamos a cultura local e a importância da equidade de gênero, e como isso pode acontecer nos lares de forma pacífica.

Discutir essa questão é ainda mais difícil no contexto rural no qual estão inseridos(as) alunos e alunas, pois, as mulheres, por sua vez, estão praticamente ligadas aos filhos(os) e aos afazeres domésticos, conforme notamos nessa primeira etapa da pesquisa.

Diante disso, um dos estudantes citou que “muitas mães não saem com suas amigas e somente vão à missa, a churrasco familiar, sem conhecer uma praia ou outras cidades, cinemas, teatros, outras culturas, pois falta tempo”, isso se deve a percepção do(a) aluno perante seu contexto cultural aqui do município. O tempo dessas mulheres está destinado à família e ao lar. Além disso, uma aluna do 6^a ano fez o seguinte depoimento: “minha avó disse que eu não preciso fazer faculdade, pois as mulheres cuidam da casa e do gado”.

As escolhas feitas na adolescência serão, portanto, decisivas para a construção da trajetória biográfica de rapazes e moças, ou seja, cada profissão lhes reservará um aprendizado específico das regras de gênero, pois a convivência com seus pares no campo profissional (contudo, familiar) sofrerá a interferência da lógica de gênero, desde a distribuição entre postos e turnos de trabalho até as formas de ascensão e remuneração. (BRASIL, 2009, p. 53).

Estabelecemos essa discussão como ponto de partida para debater adiante sobre as músicas sexistas sendo que, as principais músicas que serão citadas, determinam o papel da mulher tanto no espaço público como no espaço privado.

Ainda durante o debate um aluno do 7^o ano falou que “lugar de mulher é mesmo na cozinha. Porque minha mãe e minha irmã fazem tudo em casa e minha mãe é cozinheira e é meu pai quem ganha o dinheiro trabalhando”. No entanto, uma aluna da mesma sala

questionou se ele achava que a mãe por estar em casa e ser cozinheira, não era também um trabalho como o do pai.

Até aqui pudemos perceber que o modo com que cada cultura constrói o gênero irá definir um determinado padrão de organização das representações e das práticas sociais no mundo público (rua) e na vida privada (casa), estabelecendo lugares distintos para homens e mulheres e uma dinâmica peculiar entre ambos. Embora as mulheres tenham conquistado expressivo espaço no mundo público, a participação dos homens nas decisões e nas obrigações referentes à vida doméstica não se faz na mesma proporção, deixando às mulheres a difícil tarefa de conciliar ambas as dimensões. (BRASIL, 2009. p. 59)

Aproveitando a discussão, foi apresentado um exemplo de como algumas músicas reforçam a imagem da mulher como dona de casa. A música do compositor Mário Lago “Ai que saudades da Amélia”, composta ainda no começo do século XX, é um exemplo de como o machismo já se refletia na cultura brasileira. A letra diz: “Às vezes passava fome ao meu lado/e achava bonito não ter o que comer/quando me via contrariado, dizia: "Meu filho, o que se há de fazer?"”/Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia é que era mulher de verdade”.

Uma composição é, por assim dizer, um novelo de muitas pontas. Ao circular socialmente, ela, em seu moto-perpétuo, pode inclusive ser ponto de convergência de diversas tradições e contestações, espaço aberto para a pluralidade de significados e para a incorporação de vários sentidos, até mesmo conflitantes entre si. (PARANHOS, 2004, p. 25)

Essa etapa da pesquisa, sobre os debates e análises comportamentais dos alunos e alunas em relação aos temas, os quais estão interligados ao eixo central do trabalho, são as bases que fundamentam e se cruzam, tornando-se necessária para que haja um embasamento teórico e de dados ao propósito do estudo.

3. SEXISMO E O MACHISMO NA MÚSICA: UMA POSSÍVEL INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO E EROTIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTE

A partir desse momento da pesquisa, que decorreu da rádio escolar, dos questionários, palestras e redações analisadas, veremos como se deu frente ao desafio de entender a influência na erotização das músicas machistas e sexistas na formação social, intelectual e cognitiva dos alunos e alunas da E.E.B. São Tarcísio no município de São Bonifácio - SC.

O estudo sobre as músicas sexistas e machistas e sua influência na erotização de crianças e jovens, está fundamentado em um levantamento bibliográfico, que inclui teses, dissertações e artigos publicados no campo de gênero, diversidade, sexualidade, psicologia, e antropologia, assim como o Documento Oficial: Gênero e diversidade na escola: formação de

professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Brasil (2009). Nas reflexões aqui desenvolvidas, estudiosas(os) como Scott (1995;1990), Grossi (1994; 2012), Franchi (2015), Foucault (1995), Butler (2003), foram referências para situar a organização do trabalho, tendo como ponto de partida, um breve histórico para analisar se as músicas influenciam realmente o cotidiano das pessoas, agravando a violência contra a mulher. Além disso, relatar qual a opinião dos(as) jovens a respeito das letras musicais e suas influências.

A análise contou com 216 questionários entregues antes e depois das palestras realizada na escola e, também, 31 redações escolhidas sobre músicas sexistas, desse modo, conhecer um pouco dos gêneros musicais e músicas preferidas pelos(as) estudantes, como também conhecer cada contexto familiar a respeito das divisões de afazeres domésticos e de como isso contribuiu para as relações de gêneros construídas historicamente.

Através das músicas escolhidas em cada questionário, foram analisadas as letras e, a partir disso, reconhecer o sexismo e o machismo ouvido e cantado por crianças e adolescentes. Dessa forma, entender se essas práticas sociais sistemáticas, podem contribuir na formação intelectual, cognitiva e social de cada pessoa, no caso em questão crianças e adolescentes.

Contudo, buscou-se identificar e analisar a influência da indústria cultural a partir das músicas comerciais e seus consumos. Assim, compreender como a linguagem musical interfere na formação de jovens, e quais gêneros musicais poderão, através do estudo de caso, aparecerem em maior índice.

Ao estudar as músicas sexistas e machistas, percebe-se a influência do sistema econômico nas relações cotidianas, como forma de manutenção das relações de poder, e assim, através dessa percepção, a indústria cultural se faz presente quanto a arte, as mídias e toda produção artística e cultural. O termo indústria cultural foi concebido pelos teóricos Adorno e Horkheimer da Escola de Frankfurt¹⁰. Segundo os teóricos, a indústria cultural impede a formação das pessoas de forma autônoma, independente e crítica. Nesse sentido, os autores destacam como é forte a influência da indústria cultural nas vidas das pessoas, além disso, pensando em crianças e adolescentes em formação, nota-se a presença incansável do mercado e as estratégias para venda de seus produtos através dos programas televisivos, propagandas, músicas, entre outros.

¹⁰ Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Membros da Escola de Frankfurt, os dois filósofos alemães empregaram o termo pela primeira vez no capítulo: O iluminismo como mistificação das massas no ensaio Dialética do Esclarecimento, escrita em 1942, mas publicada somente em 1947. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%BAstria_cultural)

Desse modo é preciso entender como se deu o processo histórico e cultural dos gêneros musicais, partindo dos conceitos e avanços sobre gênero, sexualidade, e o processo histórico conquistado para que tenhamos cidadania tanto às mulheres, negros(as), indígenas, homossexuais, e como a música coloca barreiras nesses avanços, trazendo alguns retrocessos para o cotidiano das crianças e jovens em processo de formação e desenvolvimento.

Além disso, o conhecimento sobre o processo histórico e cultural dos gêneros musicais, se faz necessário para compreender como a popularização da música com a chegada do rádio, modificou a realidade social do Brasil a partir de 1922.

A música como produto de consumo se expandiu, consideravelmente, no Brasil, em 1922, com a chegada do rádio. Em pouco tempo, vários receptores já existiam em todo o Brasil. A partir desse momento, o rádio era o principal veículo para os músicos e artistas que se apresentavam em estúdio. O primeiro grande nome surgido nesse período foi Ari Barroso, que, não por coincidência, tinha uma grande identificação com o novo veículo, para o qual trabalhou também como locutor esportivo e apresentador de programa de calouros. Com talento para a linguagem radiofônica e criando tipos populares, esses artistas fidelizavam os ouvintes à rádio estabelecendo, assim, a conexão para um mercado consumidor que chegaria a outros formatos de mídia nos anos seguintes. Outros também foram pioneiros da música no rádio, que era o grande canal da n^o12 nov-abril 2015 3 época. Francisco Alves, Carmem Miranda, Noel Rosa, foram estrelas da música popular na era do rádio. O último desta fase dourada do rádio foi Dorival Caymmi, e como grande compositor Assis Valente. Tanto era o prestígio desses artistas que eles começavam a ser disputados pelas emissoras. A música tornava-se um rentável produto, apesar das rádios não lucrarem tanto. (FRANCHI, 2015. p.2)

Assim a música, quando sexista, estabelece uma relação de poder que, na maioria das vezes, é cantada por um homem branco e heterossexual, além disso, constrói através das letras musicais, um universo de diferenças entre o masculino e o feminino, reproduzindo preconceitos e discriminações que, para Foucault (1999), são relações de poder e técnicas de controle de um gênero sobre o outro.

As relações de poder são transformações as quais passamos ao longo dos anos, sejam elas econômica, social, política ou cultural. Nesse caso, o poder não é algo natural, é uma prática social, que diante da juventude está também relacionado às músicas cantadas diariamente, além disso, existe também à influência no cotidiano das pessoas outros fatores de consumo como na publicidade, nas novelas e nas propagandas. Não podemos deixar de citar que, quando falamos em consumo, algumas pessoas podem receber passiva e subliminar diversos tipos de informações.

Nesse sentido precisamos entender de qual cultura estamos falando e de que forma age em nosso cotidiano, sabendo que a cultura não é uma manifestação individual e sim algo compartilhado pelas pessoas de forma sutil, porém massificada.

Cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, atribui significados diferentes a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. A cultura, portanto, vai além de um sistema de costumes; é objeto de intervenção humana, que faz da vida uma obra de arte, inventável, legível, avaliável, interpretável. (BRASIL, 2009, p.23)

Diante desse contexto e através dos questionários, palestras, dinâmicas desenvolvidas em sala de aula, a pesquisa identificou que as músicas ouvidas em maior número contem a presença da erotização do corpo feminino. Nesse caso, a pergunta a ser feita é: Será que as crianças e adolescentes entendem os conteúdos relacionados às letras musicais escolhidas? Além disso, o que pensam sobre o machismo e o sexismo nas letras musicais e qual o sentido das leis, e será que essas garantem nossos direitos?

3.1 Análise dos gêneros musicais, músicas e suas letras

Os gráficos 3 e 4 sintetizam quantitativamente as escolhas de gêneros musicais e músicas, feitas pelas crianças e adolescentes da E.E.B. São Tarcísio. Enquanto o gráfico 3 apresenta os resultados obtidos a partir das respostas dos alunos do gênero masculino, o gráfico 4 mostra os resultados coletados nos questionários respondidos pelas alunas do gênero feminino.

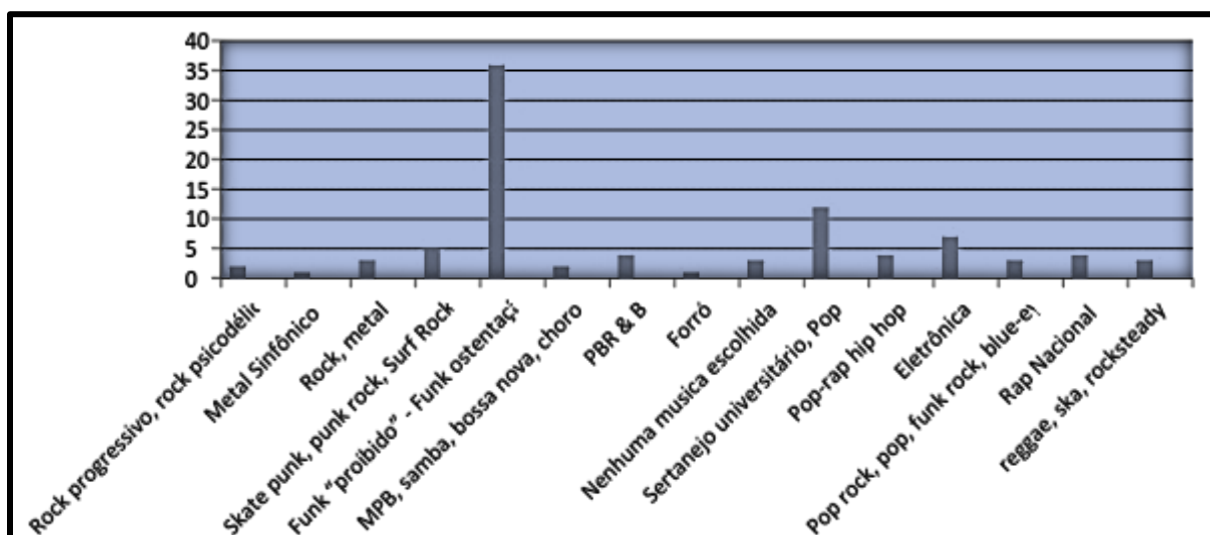


Gráfico 3 - Gêneros musicais analisadas a partir das músicas escolhidas por alunos da E.E.B. São Tarcísio.

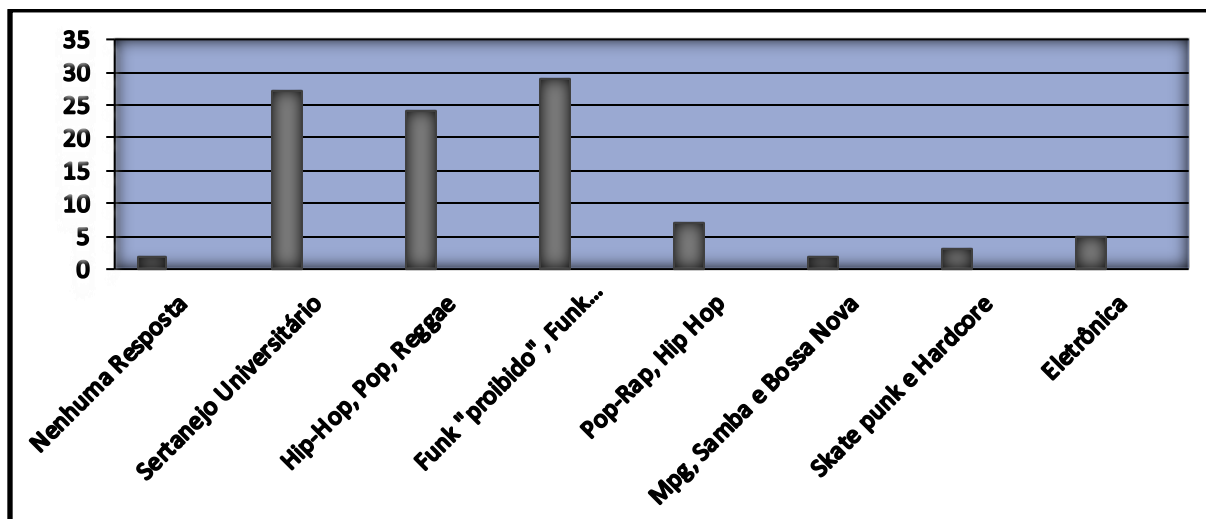


Gráfico 4 - Gêneros musicais analisadas a partir das músicas escolhidas por alunas da E.E.B. São Tarcísio

Como se percebe pelos números apresentados nos gráficos, os meninos têm uma maior tendência a ouvirem músicas dos gêneros funk, sertanejo e eletrônica. No caso do funk, este apresenta três variações de estilos - proibido, ostentação e paulista. O sertanejo, o funk e suas variantes, também aparecem como maior escolha entre as meninas. No entanto, mesmo ouvindo menos gêneros musicais do que os meninos, percebe-se uma maior pulverização do que elas ouvem no seu dia-a-dia.

Partindo das letras das músicas com maior incidência de escolhas, a música “Malandramente” de MC Nandinho e Nego Bam, foi citada por 23 alunos e alunas. Abaixo a letra:

Malandramente/A menina inocente/Se envolveu com a gente/Só pra poder curtir/Fez cara de carente/Envolvida com a tropa/Começou a seduzir/Malandramente/Meteu o pé pra casa/Diz que a mãe tá ligando/Nós se vê por aí/Ah Safada!/Na hora de ganhar madeirada /A menina meteu o pé pra casa/E mandou um recadinho pra mim/Nós se vê por aí

Ao observar a narrativa da música que trata de uma menina inocente que se envolveu com a “tropa” (gíria para classificar grupo) e que, na hora de ganhar uma madeirada (gíria para relação sexual) ela foi para casa, vê-se a conotação de um apelo sexual em que a mulher, no caso, uma menina nova, é vista apenas como desejo do corpo e da materialização do ato sexual casual.

Assim, ao escutar a música “Malandramente”, a pessoa é convidada a sentir sensações que, nesse caso, passa pela sexualidade, pelos desejos e também sentimentos. Cantar que “a menina é inocente” e também que “começou a seduzir”, além disso, isso se dá

“malandramente” para “na hora ganhar madeirada” é também erotizar e isso pode influenciar na formação e nas relações sociais de quem ouve essa música.

Em conversas com os(as) jovens sobre o que a música representa em suas vidas e cotidianos, os(as) estudantes ressaltaram que a música traz alegria, prazer e que, para algumas pessoas, é impossível ficar sem ouvir música no dia-a-dia. Estes, entre tantos exemplos, demonstram que a música consegue unir diferentes culturas através da tecnologia. Atualmente isso se dá principalmente através da internet e do rádio, formando papéis sociais de gênero com o mesmo interesse musical.

A segunda música mais citada somando os dois grupos (meninos e meninas), totalizou 18 escolhas, foi “Bum Bum Granada” dos cantores e compositores Mcs Zaac e Jerry, colocando mais uma vez o gênero funk no auge dos ouvintes. A letra da música diz:

Vários homem bomba/Bomba, bomba, bomba, bomba aqui/Vários homem bomba/bomba, bomba, bomba, bomba lá/Vários homem bomba/Bomba, bomba, bomba, bomba aqui/Vários homem bomba/bomba, bomba, bomba, bomba lá/O conjunto pesado/Caricando vários prints/É tudo que eu sempre quis/Pra mim ficar contente/Os mano tá tipo bomba/E as mina bumbum granada/Vai taca/Taca, taca, taca, taca/Vai taca/Taca, taca, taca, taca, taca/Beleza tá querendo peitar/Só que tu não entende nada/Se quiser pode vim/Que essa mina é preparada/Melhor dar espaço pra ela/Por que a potência é braba.

O duplo sentido da letra que faz referência ao homem-bomba, tenta maquiagem o real significado quando diz que “vários homem bomba, bomba, bomba”, na realidade ela faz referência a penetração masculina de forma constante na mulher. Em outra parte da música, o corpo da mulher é objetificado quando se refere ao “bumbum granada”. Historicamente, no Brasil, a bunda da mulher sempre foi objeto de desejo no universo masculino.

A Agência Patrícia Galvão em conjunto com o DataPopular realizou, em 2013, uma pesquisa com 1501 pessoas de 100 municípios do Brasil sobre como a mulher é vista nas propagandas de TV. Apesar de o retrato da mulher na TV mais percebido ser o de mulher ativa e independente (67%), ela é mostrada como objeto sexual, "reduzida a corpo e bunda", para 58% dos entrevistados.

Ainda entre as músicas mais escolhidas, encontramos novamente o gênero funk com a música “Roça, Roça” do cantor e compositor Mc Brinquedo, citada por seis estudantes. Antes de analisar a letra, é preciso enfatizar que o cantor hoje tem 15 anos de idade e começou sua carreira aos 13 anos com a canção "Boquinha de Aparelho", que narrava os versos: “Tu vai lambear, tu vai dar beijo / Tu vai mamar com essa boquinha de aparelho”, uma clara referência ao sexo oral feito por meninas novas, demonstrando esse sentido quando diz “boquinha de aparelho”. Segue abaixo a letra da música “Roça, Roça”:

A novinha não me quer/Só porque eu vim da roça/A novinha não me quer/Só porque eu vim da roça/Roça, roça o piru nela/Que ela gosta/Roça, roça o piru nela/Que ela gosta/É o mc brinquedo/Tá mandando pras gostosas/Roça, roça o piru nela/Que ela gosta/Roça, roça o piru nela/Que ela gosta/Prepara novinha/Vou te fazer uma proposta/Bota a mão no joelhinho/E joga a bunda na piroca/Roça, roça o piru, piru, piru, piru, piru nela/Que ela gosta/Roça, roça o piru nela que ela/Roça o piru nela que ela/Roça o piru nela que ela gosta.

A erotização e a mulher como objeto sexual é escancarado na música “Roça Roça”, pois, ao se utilizar termos como piru e piroca (gírias que significam pênis), e ao cantar “Bota a mão no joelhinho e joga a bunda na piroca”, potencializa o sexo entre jovens e adolescentes. Além disso legitimiza a violência de gênero, fazendo com que as pessoas que compartilham dessas letras musicais naturalizem tais tipos de comportamentos.

No ano de 2015 o DataSenado ouviu 1.102 brasileiras numa pesquisa sobre a violência contra a mulher no Brasil. Uma das questões foi: “Você acha que a mulher é tratada com respeito no Brasil?”. Na resposta, 43% das mulheres afirmaram que não são tratadas com respeito, contrastando com os 35% que disseram o mesmo numa pesquisa anterior, que foi realizada em 2013. Dessa forma demonstra a percepção das mulheres entrevistadas em relação ao tratamento de desrespeito ao gênero.

Voltando a análise das letras das músicas citadas pelos e pelas estudantes, entramos agora no universo do gênero musical sertanejo universitário. O trecho da letra abaixo é da música “As Mina Pira” de Fernando e Sorocaba, a qual foi escolhida por seis estudantes.

Dá balão no namorado/Desliga o celular/Pode vim, vem festar/Tá tudo programado no apê do Guarujá/Hoje não vai prestar/O churrascão vai comer solto/A champa não pode faltar/Liga pra quatro ou cinco amigas/Traz o biquini/Que hoje o sol tá de rachar/As mina pira, pira/Toma tequila/Sobe na mesa/Pula na piscina/As mina pira, pira/Entra no clima/Tá fácil de pegar/Pra cima!

O sertanejo, por sua vez, inspira seus ouvintes ao abordar situações e acontecimentos nas relações sociais do dia-a-dia como, por exemplo, beber no final de semana e encontrar os amigos para festejar. Com isso, as músicas do gênero musical sertanejo universitário parece vender um estilo de vida que ostenta seus bens materiais, como citado na letra dizendo que o apê no Guarujá está programado, que não vai faltar champa (champanhe) e tequila. Mas, além dessa afirmação de status social, a mulher aparece numa conotação machista e sexista, porque, ao dizer que ela “dá balão no namorado, sobe na mesa, entra no clima e tá fácil de pegar”, reafirma valores sociais imbuídos no imaginário masculino de que a mulher é apenas um objeto sexual.

As músicas, ao mesmo tempo que rapidamente fazem sucesso, a curto prazo mudam regularmente, demonstrando serem sucessos passageiros e descartáveis. Mesmo após os estudantes terem citado na pesquisa suas músicas preferidas, pouco tempo depois, essa música preferida já tinha mudado, menos o gênero ouvido. A canção que eles disseram ser modinha, termo usado pelos jovens ao se referirem a uma moda passageira, foi a música “Pé Direito” do cantor e compositor MC Davi. Na íntegra a letra diz:

Nossa, peguei o contato de uma mina mó gostosa/Nem acreditei quando ela foi no camarim/Se pá tira foto Se pá pego sim/Quando eu fui ver já tinha pegado o contatinho/Hoje eu acordei com o pé direito e é hoje/Que eu vou comer aquela mina gostosa/Já busquei maconha porque ela falo que gosta/Na brisa ela /Senta na piroca/Eu acordei com o pé direito e é hoje/Que eu vou comer aquela mina gostosa/Já busquei maconha porque ela falo que gosta/Na brisa ela senta na piroca/Hoje eu acordei com o pé direito e é hoje/Que eu vou comer aquela mina gostosa/Já busquei maconha porque ela falo que gosta/Na brisa ela senta na piroca.

Mais uma vez a música citada pelos(as) jovens é carregada diversos significados e linguagens que traz novamente a erotização e a mulher como ponto central da música, como objeto de sexual e principalmente que eleva o prazer “hoje acordei com o pé direito e é hoje/que eu vou comer aquela mina”, além disso, o discurso usado na música, o sexo exemplificado pelo cantor como “comer” a mulher, como se fosse um alimento de necessidade masculina. Nessa letra há também um agravante presente na vida dos jovens, que são as drogas. Quando a letra diz que ela gosta de maconha e que quando fica na brisa (gíria para quem está sob uso da maconha), ela senta na piroca (pênis), banaliza o uso de drogas para quem absorve o conteúdo da música. Colocando aos jovens que o uso de drogas e sexo é algo prazeroso, colocando em risco a saúde dos(as) jovens.

Contudo, nota-se que o estilo de vida desse gênero musical é rapidamente difundido e absorvido entre os(as) jovens, no entanto, as músicas que foram analisadas nesta pesquisa provavelmente não estarão em evidência ou sendo tocadas nas rádios no prazo de alguns meses ou mesmo semanas. Por exemplo, ao perguntar aos estudantes sobre a música “Baile de Favela” do MC João disseram “ah, profê essa já era, saiu de moda”.

Um exemplo sobre isso, a rápida troca de sucessos. é quando se analisa o acesso dessas músicas no sítio youtube.com. A música citada acima, “Pé Direito” de MC Davi, postada em setembro (2016), obtivera 22.541.440 visualizações dois meses depois, em novembro do mesmo ano. Isso demonstra que, além do rápido e efêmero sucesso, esse estilo musical atinge milhões de ouvintes em pouco tempo.

A adolescência é uma fase de inúmeras descobertas, incluindo a sexual, e de (re)afirmação da identidade, principalmente na relação com os pares no convívio social.

Além de estimular visões machistas e afins, as músicas também não estariam aí se configurando como uma ferramenta a ser utilizada nesse processo?

Nota-se na análise das letras das músicas escolhidas que a sexualidade envolve muita coisa, além da erotização, o comportamento pré-determinado e explícito do sexo e das relações entre homens e mulheres contidas em cada canção, construído a partir daí um grupo de pessoas, a música produz e reproduz alguns papéis sociais de gênero que por vezes são preconceituosos e discriminatórios.

Na variedade dos gêneros musicais escolhidos por estudantes, as principais letras exaltam ter muito dinheiro, fazer uso de bebidas alcoólicas, viajar e, principalmente, a “pegação” (gíria sobre beijar vários parceiros e parceiras na balada), além de colocar a mulher como objeto sexual, o que impõe uma visão heteronormativa que ressalta o machismo e o sexismo, fortalecendo-os em nossa sociedade em vez de desconstruí-los.

A partir disso, foi fundamentado nas noções de relações de poder identificadas nos conceitos de Foucault (1995), como essas relações sociais estão ligadas ao consumo, nesta pesquisa, especialmente ligadas a indústria musical.

Scott (1995) destaca que as relações de poder e as técnicas de controle são quase imperceptíveis, contudo, conta com o discurso de direitos iguais e da sociedade democrática. Como podemos verificar no trecho da letra da música “Copo na Mão” da dupla sertaneja Munhoz e Mariano que diz:

Esperou a semana inteira pra chegar na sexta-feira/ Passou no salão, fez o pé e mão, agora ela tá solteira/ Já é independente, sensual, mas é decente/Se ela quer, ela vai, se não quer, ela fica, ela pega seu carro, ela busca as amigas e vai pra balada tomar pinga/E cai sentada no colo, deitada no chão/Pagando calcinha, perdendo a noção, e o copo?/O copo ainda tá na mão!

A música destaca que a mulher é independente, tem carro, é sensual, mas perde a noção bebendo e ainda “pagando de calcinha”, além disso, são ilusões de uma sociedade de direitos iguais, pois estão sempre colocando a mulher como objeto sexual ou criando estereótipos como citado na música ao dizer que ela bebe mas é decente. Pois, o que diz na letra se torna apenas uma falácia.

Podemos contrapor à letra dessa música, com a pesquisa “Percepções dos Homens Sobre a Violência Doméstica Contra a Mulher” realizada pelo Instituto Avon em 2013. Numa amostra de 1500 entrevistados sobre o tema, foi questionado sobre o que é inaceitável no comportamento de uma mulher. As respostas se deram da seguinte forma: Que fique bêbada (85%); Saia com amigos(as) sem o marido (69%); Use roupas justas ou decotadas (46%). O

que demonstra, além da visão machista, a derrubada da tese apresentada na letra da música “ela bebe, paga de calcinha, mas é decente”.

Mas, além do apelo sexual que compõem as músicas, devemos lembrar que as músicas também são retratos da realidade. Retomando a indústria cultural e o mercado consumidor, as músicas vendem também um estilo de vida podendo até ser destinado para um tipo de classe social. Desse modo, alguns desses comportamentos contidos nessas letras de músicas, podem gerar riscos a formação social e cognitiva de crianças e adolescentes, além disso, as expressões de gênero e identidade de gênero são concebidas, por vezes, através da cultura de massa que, nesse caso, coloca o sexo e a erotização como ponto central das relações sociais.

O gênero musical mais escolhido por alunos e alunas, o funk, tem sua trajetória no Brasil a partir dos anos 90 como Franchi (2015) destaca em seu artigo:

No funk dos anos 90 surgiam às primeiras músicas de apelo sexual, através do Furacão 2000, uma equipe de som, produtora e gravadora do Rio de Janeiro, que produzia coletâneas e shows de Funk carioca. Com isso, a música se transformou num espetáculo à parte, pois não precisava ter talento para estar na TV, o que importava nesse contexto, era convencer o público que existia talento naquele artista, mas de forma que se apresentasse primeiro uma música de letra pobre e de duplo sentido, sendo divulgada mais pela beleza e sensualidade das dançarinas dos grupos. Diferente do passado, em que um contexto social necessitava de um engajamento em letras e posicionamento até político de determinados artistas, a música popular da década de 90 apresenta grupos construídos por gravadoras para que estourem nas paradas de sucesso e passem a ser consumidos com voracidade pela massa, mas que por falta de talento ou posicionamento de carreira, desaparecem em seguida para uma nova leva de músicos e grupos. Exceções se faziam com alguns grupos considerados bons no cenário pop/rock, como Skank, Jota Quest, O Rappa, Raimundos, Cidade Negra e o hilário grupo Mamonas Assassinas, que apesar da mídia ter o adotado como fenômeno, conquistava adultos e crianças com suas músicas e letras de fácil entendimento, e com o apelo considerado pela crítica mais “inocente”. Essa roda-viva de ritmos populares será a marca dos anos 90 e da primeira década do século 21. (FRANCHI, 2015, p.

Nesse aspecto, visualizamos algumas diferenças dos anos 90 para os dias atuais. As sociedades estão em mudanças constantes, produzindo a cada ano novos estilos, novos papéis sociais, novas culturas e novos valores. Lembrando das letras musicais dos anos 90, como, por exemplo, “descendo na boquinha da garrafa”, “só as cachorras”, hoje podemos encontrar em diferentes letras uma maior agressividade. No entanto, a situação das mulheres nos anos 90 eram mais difícil, pois não havia a Lei Maria da Penha¹¹ e discutir gênero nas escolas era

¹¹ Há dez anos, as mulheres do Brasil conquistaram um marco na legislação: a [Lei Maria da Penha \(Lei 11.340/2006\)](#). Sancionada em 7 de agosto de 2006, a lei foi gerada pela história de luta de Maria da Penha, biofarmacêutica cearense que ficou paraplégica após duas tentativas de assassinato do então marido e virou referência no enfrentamento à violência doméstica. (<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2016/08/lei-maria-da-penha-completa-dez-anos-neste-domingo-7>)

quase uma missão impossível. Devemos lembrar que a história não é algo linear e os preconceitos contra a mulher sempre existiram.

No entanto, hoje, com as mídias sociais, destacando o Facebook, as mulheres e alguns movimentos sociais têm mais espaços para defesa de seus direitos, além disso, é uma ferramenta para que esses grupos se organizem e lutem contra as discriminações.

Em maio/2016 a FCB Brasil, o jornal O Estado de S. Paulo, com o apoio do Disque Denúncia do Rio de Janeiro, lançaram a campanha “Músicas de Violência”, com o objetivo de levantar o debate sobre músicas que reproduzem discursos sexistas e de violência contra a mulher. Por meio do aplicativo de música Shazam – aplicativo que identifica instantaneamente músicas e letras, os usuários são avisados quando há uma música que promova a violência contra a mulher. Quando isso acontece, o aplicativo aciona o banco de dados no qual há diversos depoimentos de mulheres que já sofreram abuso sexual ou algum tipo de violência por parte dos homens. O intuito da campanha é o de conscientizar as pessoas sobre o conteúdo da letra que possuem abuso e violência contra a mulher e que, de certa forma, propagam isso com naturalidade. Com isso, segundo o resultado do projeto, apenas 6% das pessoas que ouviram os depoimentos completaram os downloads das músicas que estavam ouvindo após ouvirem os depoimentos.

O vídeo¹² do projeto postado no youtube sobre a conscientização de letras que possuem abuso e violência, exemplifica seu funcionamento com a letra “a novinha não dá moral, a novinha não quer dar, vou lhe socar a pica mesmo sem ela deixar”, que demonstra claramente que se a menina não quer dar (a vagina), ela será estuprada, em seguida há alguns relatos de mulheres que sofreram estupro, demonstrando o funcionamento do aplicativo.

3.2 Análise de redações a partir do conhecimento prévio

Foram realizadas atividades que fizeram parte do projeto em cima da palestra sobre gênero, diversidade, direitos e descobrimentos. Na sequência, apresento a análise sobre o conteúdo e o entendimento dos estudantes sobre os temas da palestra.

3.2.1 - Proposição de redações sobre letras musicais

¹² Disponível em : www.youtube.com/watch?v=oaN36w611VE<acesso: 24/11/2016>

Após as palestras, em parceria com o professor de letras Luan Xavier, foi pedido aos estudantes que fizessem uma redação de análise comparativa das letras de duas músicas propostas pelo professor, para que estes utilizassem os conhecimentos prévios sobre gênero dados na palestra.

Faça uma análise comparativa das duas letras das músicas propostas por seu Professor. Lembre-se da palestra sobre gênero, associe com seus conhecimentos de mundo e redija seu texto. Bom trabalho!

Figura 3 - Proposta do tema para análise das redações.

Foram passadas aos alunos(as) as músicas “Mulher (Sexo Frágil)” de Erasmo Carlos e “Chupa que é de Uva” da banda Aviões do Forró. A partir das redações foi possível observar que, após a palestra e os debates durante todo o processo, gerou entre os(as) discentes a conscientização de alguns conceitos como gênero, sexualidade, machismo, sexismo, preconceito e violência de gênero. Por exemplo, um aluno do 8º ano discorre em sua análise.

O análise que eu vou fazer é sobre uma música do avião do forró que é a música, chupa que é de uva.
 A música, chupa que é de uva, fala que a mulher se serve para uma coisa, como fazer sexo, trabalhar para o homem. Mas mulher não serve para isso, que eu sei, mulher é um ser humano igual o o homem. A mulher é o metade da população do Brasil mas tem menos de 20% de direitos. Além disso o mulher sofre abuso sexual, desrespeito e também dizem que as mulheres são fracas mais as maioria das vezes os homens são mais fortes, enquanto isso a mulher continua lutando por seu direitos.
 Quanto desrespeito a mulher é que as maioria das vezes as mulheres não conseguem empregos por causa disso, e isso não do mais por aceitar, mulheres devem ter o mesmo tanto de direitos iguais os de homens. E isso não do mais por aceitar denuncie, denuncie 300, para um Brasil sem mais igualdade de gênero, respeito e sem abuso sexual.

Figura 4 - Redação 1

Nesta redação nota-se que o aluno fez várias referências ao projeto iniciado na escola. A partir da análise da música, ele relata sobre o abuso sexual e que as mulheres continuam

batalhando por seus direitos. Lembrou do disque 100, que é uma ferramenta de denúncia contra o abuso sexual, e ainda lembrou da igualdade de gênero.

Dessa forma, ao escutar músicas sexistas ou passar por uma situação que identifique o preconceito a discriminação contra as mulheres, ele seja capaz de reconhecer, analisar a situação e talvez lutar para equidade de gênero. Observando claramente que o aluno em questão, absorveu o conteúdo da palestra.

que se de uma.
 Na minha opinião os homens tem que
 respeitar mais as mulheres, pois com isso,
 não são essas coisas feias, isso dá cadeia a mulher
 e sente ofendida, isso é muito feio.

Figura 5 - Redação 2

que o respeito de ninguém, em uma que não é perfeita.
 As duas músicas são declarações, a primeira fala em
 forma de poesia com um ritmo calmo, a segunda tem um
 ritmo mais animado e com um objetivo romântico, mas
 as palavras não são adequadas.
 Para conclusões queríamos transmitir que um homem
 antes de querer entrar na vida de uma mulher, mas para
 isso acontecer todos temos que respeitar a si mesma(o) e as próximas

Figura 6 - Redação 3

As redações 2 e 3 tratam do respeito com as pessoas, principalmente com a mulher. Na redação 2 o aluno destaca “isso é muito feio” e também “isso dá cadeia”, nesse sentido podemos analisar que a discussão feita sobre a Lei Maria da Penha, deu um amplo conhecimento sobre os crimes praticados contra a mulher. Já na redação 3 diz “as palavras não são adequadas”, no entanto, achou romântica as duas letras analisadas.

Na primeira música o autor quer demonstrar que a mulher é guerreira e não deve ser tratada como um objeto.

Na segunda música o autor passa a imagem de uma mulher que se expõe.

As músicas falam sobre o mesmo assunto, mas com intenções diferentes, vemos essas músicas hoje em dia de uma maneira diferente pois essas músicas antigamente eram normais, mas hoje em dia, pelos acontecimentos as pessoas vêm se preocupando mais com o que as pessoas ouvem.

Figura 7 - Redação 4

A música "Mulher (Sexo Frágil)" de Erasmo Carlos, seu título já determina valores socioculturais do senso comum sobre as mulheres. O professor de letras Luan escolheu propositalmente a letra, para analisar se alunos e alunas destacassem do próprio título algumas dessas referências, no entanto, 90% das redações descreveram a música como romântica e destacaram a mulher a partir da letra como sendo forte e guerreira, como descrito na redação acima. Contudo, a redação 4 justifica que "nos dias de hoje, pelos acontecimentos as pessoas vêm se preocupando mais com o que as pessoas ouvem". Isso é um fator positivo, pois nota-se que há um surgimento do pensamento crítico sobre as letras musicais por parte do aluno que analisou as letras.

mentindo.

O último parágrafo da música "chupa que é de uva", fala "na sua boca eu viro fruto, chupa que é de uva, chupa, chupa, chupa que é de uva". Em essa música a mulher pode se sentir ofendida nesse último parágrafo.

Essas duas músicas falam sobre a mulher, na primeira a mulher é tratada com respeito e respeito, na segunda, a mulher é tratada como uma fruta, um objeto nas mãos dos homens. Mas não são só essas músicas que falam sobre a mulher, 95% das músicas variadas falam sobre a mulher. Não só da mulher, mas também da igualdade de gênero, do estupro e da violência. Muitas mulheres são agredidas e violentadas. Muitos homossexuais e bissexuais são agredidos na rua e até dentro da própria casa pelos próprios pais. Muitas mulheres são violentadas e vítimas do estupro na rua, em casa e principalmente em bailes funk.

Figura 8 - Redação 5

De certa forma, na redação acima, se reconhece que as músicas analisadas são de relacionamentos predominantes heterossexuais. Justifica isso quando descreve “muitos homossexuais e bissexuais são agredidos na rua e até dentro da própria casa pelos próprios pais” isso se dá pela criticidade analisada nas letras musicais, acompanhado de todo trabalho desenvolvido na escola durante todo período do projeto.

Essas duas músicas não são legais, mas falam muito sobre o respeito da mulher por exemplo a do Erasmo Carlos que diz que "mulher é sexo frágil", isso não é verdade isso é pura mentira, na música de Aníbal de Faria a frase "com meu copuzinho" essa palavra "copuzinho" pode ofender bastante uma mulher. Gênero é uma palavra qualquer que é o conjunto de espécies que possuem caracteres comuns. A palestra da professora Juliana na sala de vídeo foi bem legal, ela falou sobre o respeito do gênero, o respeito entre o homem e a mulher, que o homem respeite a mulher, e também a mulher respeite o homem. Todas as pessoas são iguais nenhuma é melhor do que a outra, sem negar que existem músicas, nas rádios, televisão e programas de tv, porque eles não colocam músicas melhores mais românticas, que não prejudiquem a vida de ninguém.

Figura 9 - Redação 6

Na análise a pessoa percebe que a letra da música não condiz com que ela aprendeu sobre gênero, argumenta que a mulher não é sexo frágil e apesar de conceituar gênero “uma palavra qualquer que é o conjunto de espécies que possuem caracteres comuns” ela argumenta que todas as pessoas são iguais e que prefere música que não prejudique ninguém.

Foi a segunda música "Chupa que é de uma" dos Quêns do Forró, é praticamente totalmente obscuro, uma música que até hoje fica em nossas cabeças, onde a pessoa manda a mulher "Chupar que é de uma". Onde já se viu?! Digamos que não poderia ser mais legal se não tivesse tanta ofensa. Concluímos que existem várias músicas que nos ofendem, mas que não necessariamente nos fazem levar a tais atos. Portanto, uma música é uma música, atos não atos, e não acredite que uma música levaria a isso.

Figura 10 - Redação 7

Nesta opinião ambas as músicas são relatadas como ofensivas, porém, no ponto de vista nessa redação, elas não contribuem para a concretização de atos machistas.

3.2.2 Análise das redações sobre igualdade e desigualdade de gênero

Outra atividade proposta na escola teve parceria com a professora de Letras do ensino médio Adriana Cespede, que pediu aos alunos e alunas que fizessem uma redação sobre igualdade de gênero ou desigualdade de gênero.

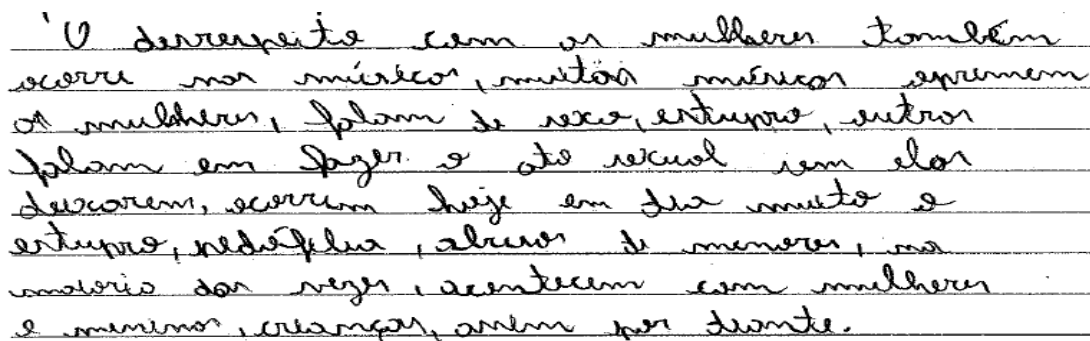
Igualdade de Gênero

Hoje em dia as mulheres são muito discriminadas, por exemplo, se uma mulher sai com vários homens, ela fica com de "galinha", "vagabunda", "piriguete", e vários outros nomes. Já os homens se sai com várias mulheres fica conhecido como "garanhão", "pegador", etc.

Por exemplo também, a igualdade entre homens e mulheres, uma menina não pode ficar até o hora que ele quiser. Ou também, se um menino está no casa dos avós, ou ajudando a mãe, ou cozinhando, os outros meninos os chamam de "gay", "bicha", etc, isso com fama de homossexual.

Figura 11 - Redação 1

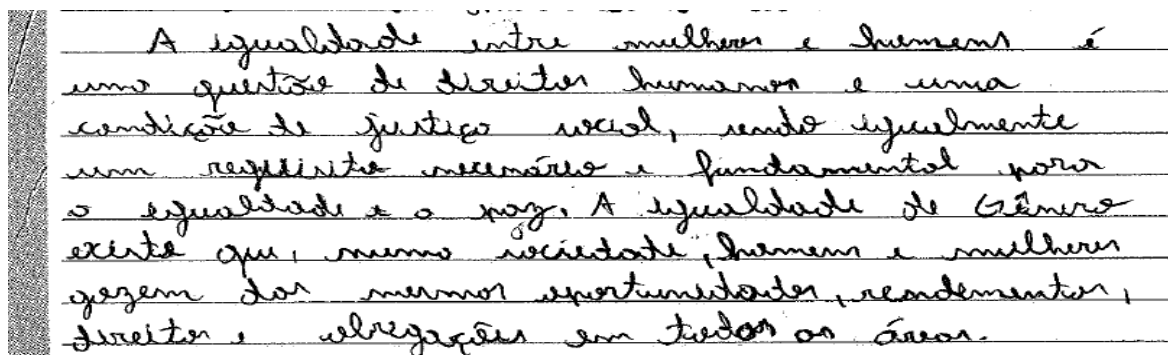
Na redação 1 existe as percepções dos valores impostos pela sociedade, quando uma menina sai com vários meninos é chamada de "vagabunda", "galinha", "piriguete", já os meninos são "garanhão" e "pegador". Outra questão exposta é sobre a homofobia descrevendo que "se o menino está na casa dos avós ou ajudando a mãe, ou cozinhando, os outros meninos os chamam de "gay", "bicha", etc, fica com fama de homossexual".



'O desrespeito com as mulheres também ocorre na música, muitas músicas oprimem as mulheres, falam de sexo, estupro, outros falam em fazer o ato sexual sem elas deixarem, ocorrem hoje em dia muito o estupro, pedofilia, abuso de menores, ma maioria das vezes, acontecem com mulheres e meninas, crianças, além por diante.

Figura 12 - Redação 1

Ainda na mesma redação destaca que o desrespeito com as mulheres acontece também na música, e que estas oprimem as mulheres podendo incentivar o estupro, pois, algumas músicas “falam em fazer sexo mesmo sem elas deixarem”.



A igualdade entre mulheres e homens é uma questão de direitos humanos e uma condição de justiça social, sendo igualmente um requisito necessário e fundamental para a igualdade e a paz. A igualdade de gênero existe que, mesmo sociedade, homens e mulheres gozem das mesmas oportunidades, rendimentos, direitos e alegações em todas as áreas.

Figura 13 - Redação 2

Na conclusão desta análise, conseguiu demonstrar o entendimento sobre a igualdade de gênero. Com isso, percebemos que a conscientização promovida pelo corpo docente da E.E.B. São Tarcísio, busca contribuir na formação de pessoas críticas que se posicionem contra os preconceitos e discriminações. Nesse sentido, garantir à todos(as) acesso a cidadania e a compreensão dos direitos humanos. Dessa forma respeitar e promover a igualdade de gênero, contudo lutar contra a exclusão social e política presente em nossa sociedade.

3.3 Outros resultados pós-projeto de conscientização

Outros exemplos da parceria no projeto de igualdade de gênero na escola, foram os cartazes confeccionados nas aulas de história e artes com as professoras, Josiéli Heinzen Buchner, Eliana Isabel Hawerth Muller, e o professor Arnaldo Ricardo Ern.

Ambos pediram para aos estudantes pesquisar sobre igualdade de gênero, baseado no seminário. Após as pesquisas alunos e alunas formaram alguns grupos e produziram diversos cartazes sobre diversidade, gênero, machismo e sexismo, os quais ficaram expostos na escola dando maior visibilidade e atingindo toda comunidade escolar. Porque, de certa forma, ao se depararem com os cartazes e suas mensagens, as pessoas acabam por conhecer esses termos. Veja nas figuras abaixo os cartazes confeccionados por alunos e alunas da E.E.B. São Tarcísio. A partir do seminário: Promovendo igualdade de gênero.

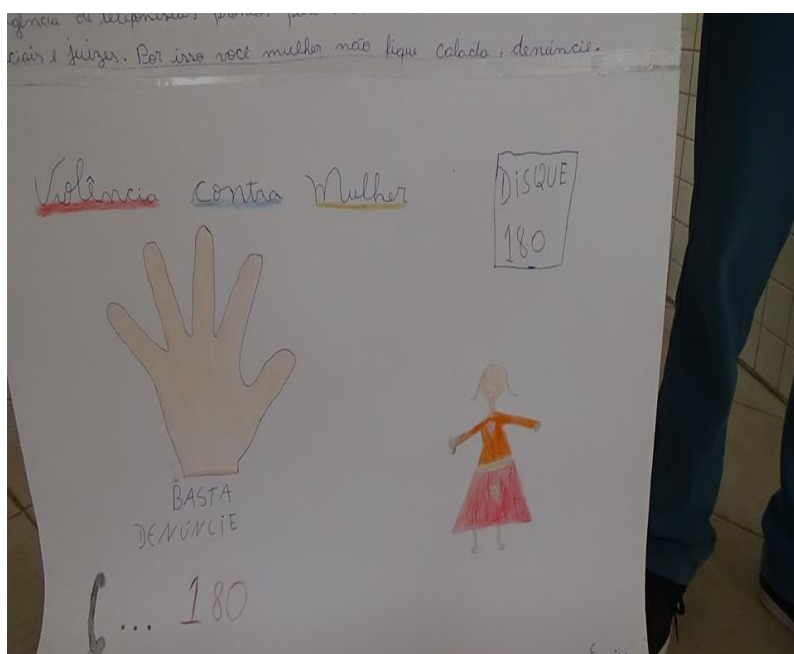


Figura 14 - cartaz 1

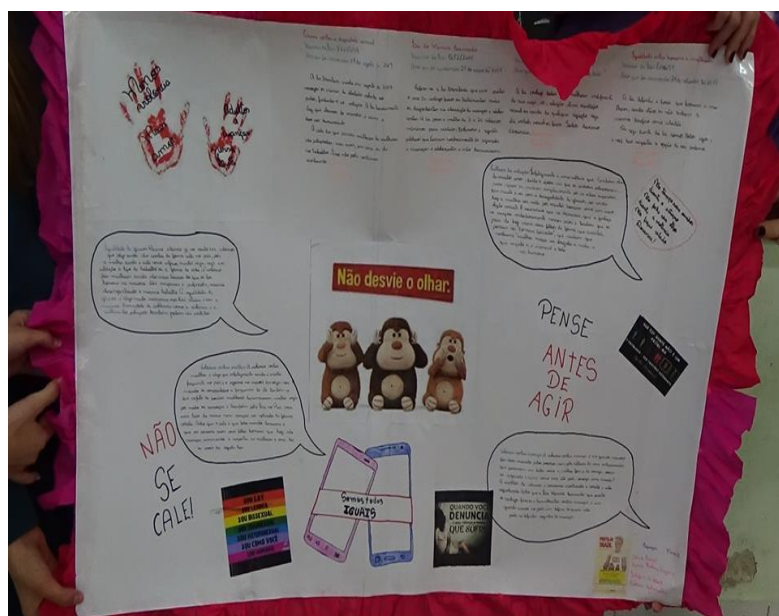


Figura 15 - cartaz 2



Figura 16 - cartaz 3

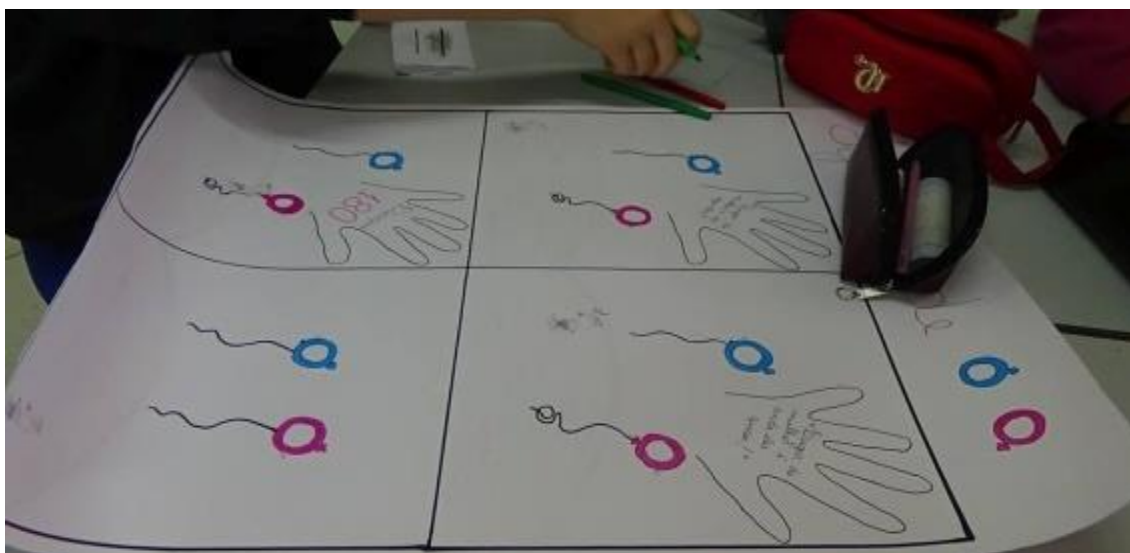


Figura 17 - cartaz 4

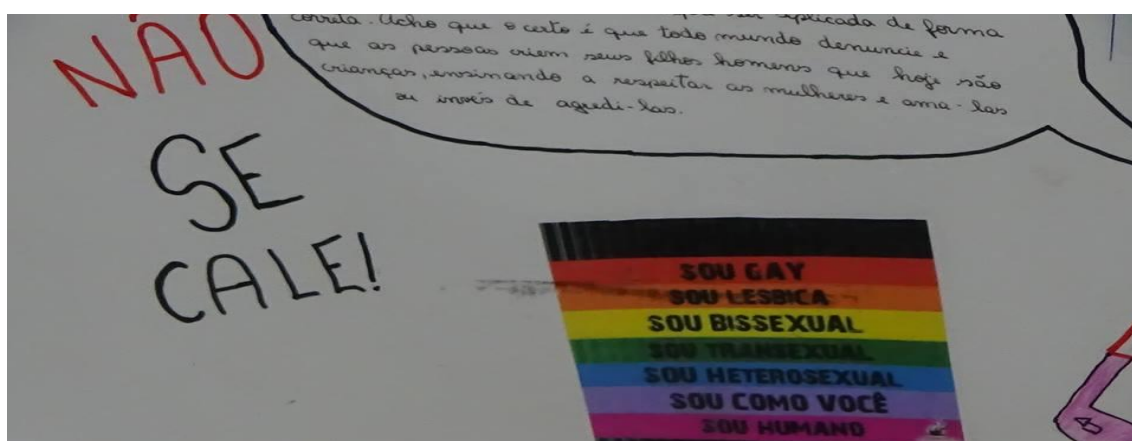


Figura 18 - cartaz 5

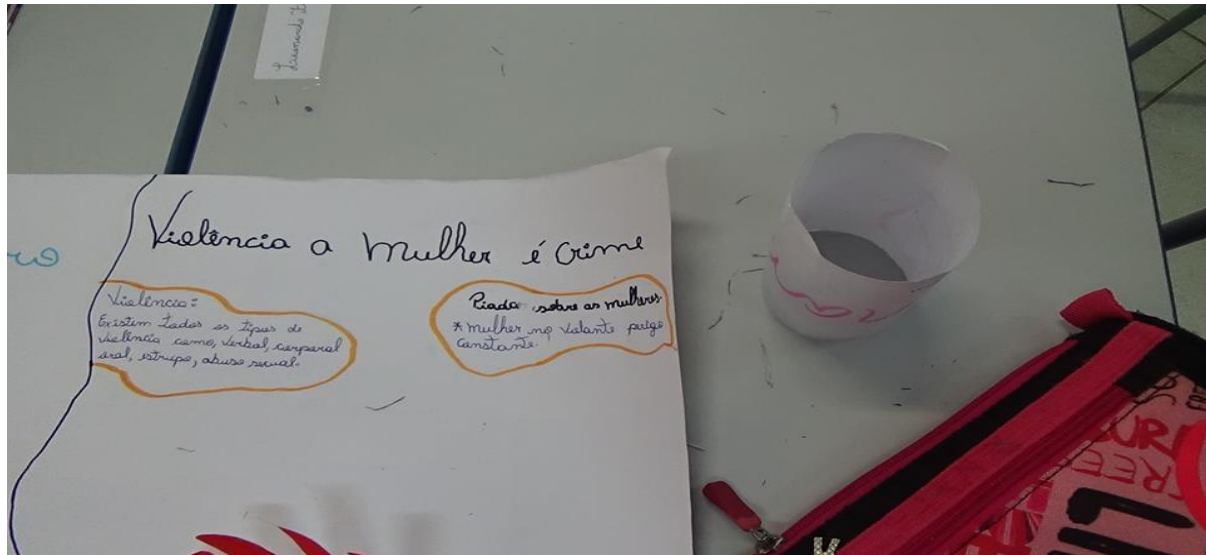


Figura 19 - cartaz 6

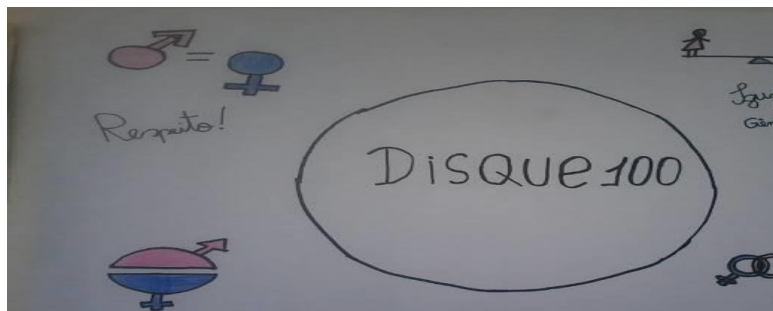


Figura 20 - cartaz 7

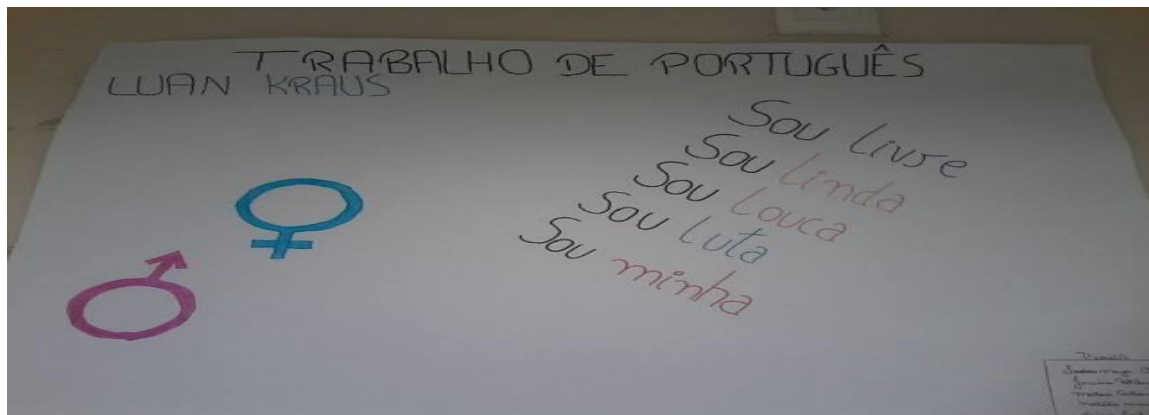


Figura 21 - cartaz 8

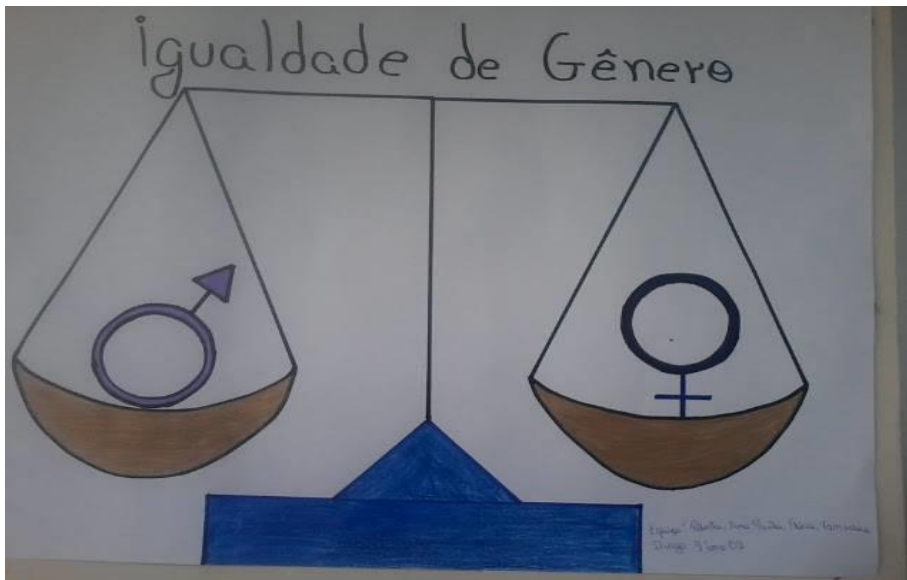


Figura 22 - cartaz 9

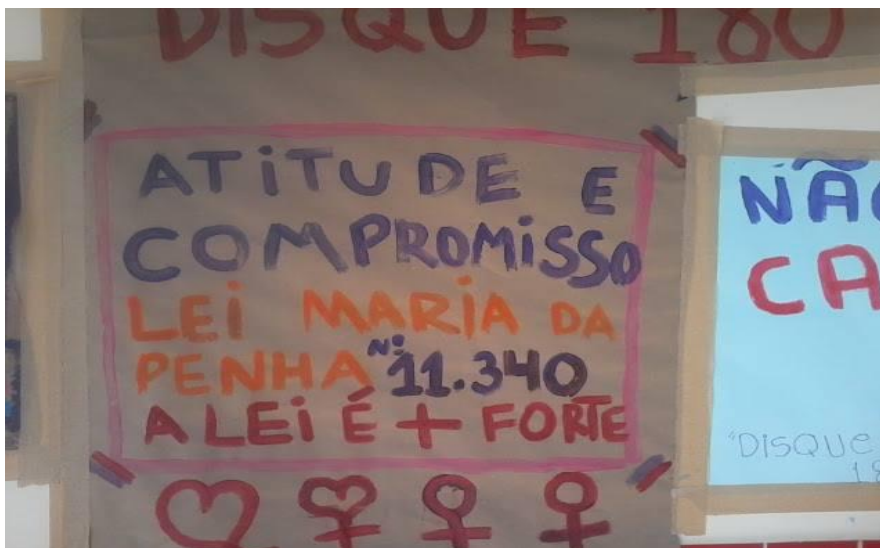


Figura 23 - cartaz 10

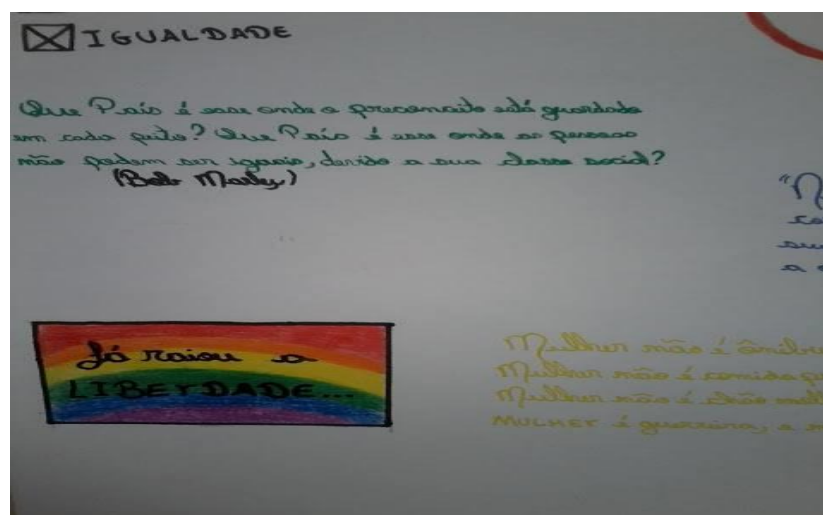


Figura 24 - cartaz 11

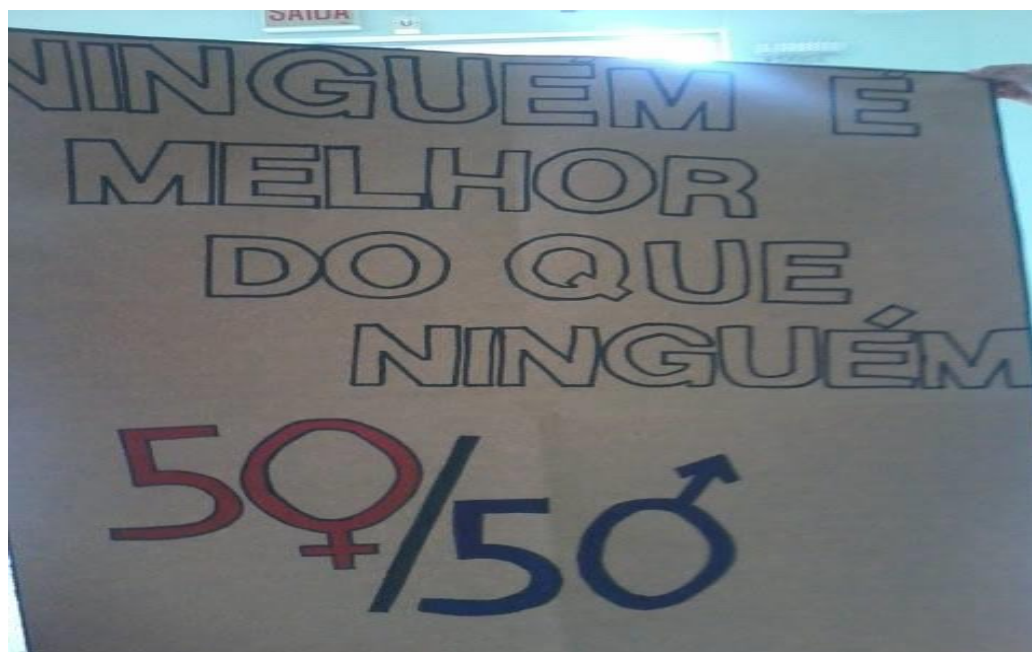


Figura 25 - cartaz 12

Inspirados pelo seminário, um grupo de alunos(as) do oitavo ano do período matutino, auxiliados pela professora de artes e história Josiele Heizen Buchner, elaboraram um teste que identificava, dependendo das alternativas assinaladas, se a pessoa possuía comportamento machista e/ou homofóbico. Esse trabalho dos alunos(as) fez parte das exposições da Feira de Ciências da E.E.B. São Tarcísio e que, além da elaboração do teste, tinha em seu estande, cartazes alusivos a igualdade de gênero.

Tanto homens quanto mulheres podem ter atitudes e pensamentos machistas, até sem perceberem. Avalie como você se posiciona fazendo esse teste

3)Seu filho volta animado da balada, contando que pegou várias. Como você reage?

- (a) Orienta o filho a usar preservativo e a não brincar com os sentimentos alheios.
- (b) Elogia o garoto e diz que a atitude dele é motivo de orgulho para a família.
- (c) Entende que os meninos, nessa idade, são mulherengos. Mas espera da sua filha um comportamento diferente.

Figura 26 - Teste elaborado por alunos e alunas do oitavo ano-matutino, para aplicado na Feira de Ciências da E.E.B. São Tarcísio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, este trabalho de conclusão de curso, buscou trazer ao centro do diálogo as questões de gênero, sexismo e direitos humanos com jovens de uma escola pública de Santa Catarina. Para estruturar o caminho percorrido, os capítulos foram distribuídos da seguinte forma. No capítulo 2 “Análise do Campo de pesquisa” buscou aprofundar o entendimento sobre o objeto de estudo e o contexto a qual estão inseridos. Para isso, foram necessários um breve levantamento de dados através de questionários sobre os conhecimentos prévios quanto aos temas gênero, violência de gênero, preconceito, diversidade, raça, divisão de trabalho, leis, os quais estão exemplificados nos sub-itens 2.1 “A percepção dos(as) estudantes sobre o machismo, o sexismo e a misoginia” e no 2.2 “Os papéis de gênero no contexto do objeto de pesquisa”.

No capítulo 3 “Sexismo e machismo na música: uma possível influência na formação e erotização de crianças e adolescentes”, é o eixo central do trabalho, do qual analisa os questionamentos dos gêneros musicais preferidos por alunos e alunas da E.E.B. São Tarcísio, além disso, busca encontrar nas letras musicais o machismo e sexismo produzido por cantores e compositores, contudo, com um viés crítico sobre a influência das mídias e da indústria cultural. Nos sub-itens 3.2 “Análise de redações a partir do conhecimento prévio”, no 3.2.1 “Proposição de redações sobre letras musicais” e 3.2.2 “Análise das redações sobre igualdade e desigualdade de gênero no ensino médio”, investiga o entendimento dos alunos e alunas após a realização do seminário e dos questionamentos.

A pesquisa, de um modo geral, não concluiu com fatos concretos de que a música, por si só, seja um fator de influência direta na formação cognitiva e na erotização de crianças e adolescentes. Os gêneros musicais estudados e suas letras, os quais foram citados por alunos e alunas da Escola de Educação Básica São Tarcísio, reforçam a misoginia, o machismo, o sexismo e um estilo de vida baseado em consumo, colocando em risco a percepção de quem os ouve.

Essa distorção da realidade, numa mente ainda em formação, pode contribuir para que essas novas gerações continuem reproduzindo esses discursos machistas, sexistas e misóginos. Dessa forma, é importante que as ações como as desenvolvidas na escola em que se realizou a pesquisa, como debates, questionamentos, redações e confecções de cartazes, sirvam para despertar o pensamento crítico nos(nas) alunos(as) quanto às análises das músicas.

A música é um dos produtos mais consumidos no campo do entretenimento, sendo ela sozinha impossível de modificar comportamentos, mas, na somatória do que consumimos como entretenimento, nos diversos veículos de comunicação, seja a internet, a TV ou a rádio, e na forma como se dá essa absorção de informações, somada ao contexto social, ela pode contribuir para essas repetições de discursos e comportamentos vis.

Nessa perspectiva, a noção dos discursos na visão do teórico Bakhtin, a linguagem é o confronto de várias vozes sociais, que produz e reproduz significados e, além disso, é promovido pelo dialogismo¹³. Trazendo esse conceito para música, a interação verbal entre o cantor(a) e o(a) ouvinte são relações socioculturais, pois para Bakhtin nenhuma palavra é de autoria própria, mas sim uma perspectiva de outra(s) voz(es). Dessa forma, são várias vozes ecoando nos diversos veículos de comunicação, onde recebemos e modificamos nossos comportamentos.

Esse trabalho foi a práxis de toda minha trajetória do Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola realizado na Universidade Federal de Santa Catarina no período de 2015 a 2016. Esse curso contribuiu e abriu novos caminhos de idéias, para continuar a luta contra o sexismo e o machismo nas instituições escolares e, principalmente, na sociedade.

¹³ **Dialogismo** é o que Mikhail Bakhtin define como o processo de interação entre textos que ocorre na polifonia; tanto na escrita como na leitura, o texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares e/ou próximos. Em retórica, por exemplo, é mister incluir no discurso argumentos antagônicos para poder refutá-los. Dialogismo se dá a partir da noção de recepção/compreensão de uma enunciação o qual constitui um território comum entre o locutor e o locutário. Pode se dizer que os interlocutores ao colocarem a linguagem em relação frente um a outro produzem um movimento dialógico. Segundo Bakhtin, o diálogo pode ser definido como "toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja". A palavra chave da linguística bakhtiniana é diálogo. Fonte: (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dialogismo>)

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Notícias e conteúdos sobre os direitos das mulheres brasileiras. São Paulo, 2009. Disponível em: <www.agenciapatriciagalvao.org.br> Acesso em: 01 nov.2016

BRASIL, **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=421590&search=santa-catarina%7Csao-bonifacio%7Cinfograficos:-historico>> Acesso em: 01 nov.2016

BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DataSenado. 2015. Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Brasília: Senado Federal/Secretaria de Transparência. Junho/Julho 2015. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wpcontent/uploads/2015/08/DATASENAD_O_PesquisaViolenciaDomesticacontraaMulher2015.pdf> Acesso em: 01 de nov.2016.

FRANCHI, Diones. **Revistas de Artes e Humanidades**: 2015 (1-25). <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n12/artigos/amidiaeamusica.pdf>> Acesso em: 11 de jul.2016

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. **Novas/Velhas Violências contra a mulher no Brasil**.1994. <<http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/16179-49803-1-PB.pdf>> Acesso em: 30 nov.2016

_____. Identidade de Gênero e sexualidade. 2012. Disponível em<http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf> Acesso em: 30 de nov. 2016

Instituto Avon/Data Popular. 2013. Percepção dos Homens sobre a Violência Doméstica contra a Mulher. SP: Instituto Avon/Data Popular. 24 páginas. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wpcontent/uploads/2015/07/DATAPOPULAR_AVON_violenciadomesticahomens2013.pdf> Acesso em 01 nov.2016.

PARANHOS, Adalberto. **A música popular e a dança de sentidos**: distintas faces do mesmo. In: Revista ArtCultura. Uberlândia-MG, n. 9, jul.-dez, 2004.

PEDRO, Joana Maria. **A história dos feminismos**. In: Ciclo de Video-aulas A história do Feminismo GDE 2012-2013. Gênero e Diversidade na Escola, 2015a.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Disciplina III. In: GROSSI, Miriam Pillar et al (org). Gênero e Diversidade na Escola. Livro 1, modulo 1. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, 2015b.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre. 1990.